

**Avaliação dos interesses e das aspirações vocacionais em
adolescentes: um estudo comparativo entre alunos dos cursos de
educação e formação e do ensino regular**

Mafalda Santana Sequeira da Fonseca

Dissertação para a obtenção do grau de mestre no ramo da Psicologia,
especialidade de Psicologia da Educação

Orientador: Professor Doutor Luís Sérgio Vieira

FARO

2013

Resumo

Os interesses vocacionais constituem um suporte fundamental na Psicologia Vocacional por ser fundamental no desenvolvimento de carreira (Betsworth & Fouad, 1997), bem como as aspirações vocacionais que conduzem a planos de carreira sendo determinantes no desenvolvimento de competências particulares (Gottfredson, 2002).

O objetivo geral deste estudo consistiu em descrever os interesses vocacionais e as aspirações vocacionais de alunos do 3.º ciclo do ensino básico. Nesta investigação é ainda objetivo comparar os resultados nos interesses vocacionais e nas aspirações vocacionais em função do tipo de ensino (curso do ensino regular e curso de educação e formação), género e nível socioeconómico do agregado familiar, bem como analisar as relações entre estes dois construtos em cada um dos tipos de ensino. Foram inquiridos 160 alunos do 9.º ano de escolaridade de um agrupamento de escolas inseridos em turmas de ensino regular e turmas de cursos de educação e formação. Para a avaliação das variáveis em estudo utilizamos o *Inventário de Interesses Vocacionais* (Ferreira & Hood, 1995) e a *Escala Índice de Aspirações* (Kasser & Ryan, 1996) adaptada para a população portuguesa por Cabral (2011).

Os resultados obtidos sugerem que os interesses vocacionais se distinguem em função do tipo de ensino e as aspirações vocacionais revelaram-se uniformes em ambos os tipos de ensino.

Palavras-chave: orientação vocacional, interesses vocacionais, aspirações vocacionais.

Abstract

Vocational interests are a fundamental support in Vocational Psychology since they are crucial in the career development (Betsworth & Fouad, 1997), as well as vocational aspirations that lead to career plans being crucial in the development of particular skills (Gottfredson, 2002).

In the present study it was our aim to characterize and explain the vocational aspirations and interests that students of year 3 in a primary school. This research is also to compare the results in vocational interests and vocational aspirations depending on the type of education (mainstream education and training courses), gender and the social and economic family status, as well analyze their relationships between these constructs in each type of education. In order to get information in this matter, hundred and sixty pupils at the year 9 from a group of secondary schools were interviewed. This group of schools includes mainstream education and training courses also. To evaluate the variable of results of this study, two types of research method were used, which were Vocational Interest Inventory (Ferreira & Hood, 1995) and Index Scale Aspirations (Kasser & Ryan, 1996), adapted to the Portuguese population by Cabral (2011). The results obtained suggests that the vocational interests are distinguished according to the type of education and the vocational aspirations established to be uniform in both types of education.

Keywords: vocational guidance, vocational interests, vocational aspirations

Agradecimentos

A realização do trabalho que se apresenta sob a forma de dissertação de mestrado só foi possível graças ao apoio e incentivo recebido de várias pessoas e instituições.

Ao professor Doutor Luís Sérgio Vieira, meu orientador científico, pela sabedoria, orientação recebida, apoio e compreensão que constituíram uma grande importância à prossecução deste trabalho.

Aos docentes e colegas de estágio do Agrupamento vertical de Escolas Professor José Buísel, pela sua ajuda no momento da recolha dos dados.

Ao meu marido pela sua disponibilidade e ajuda que constituíram uma grande relevância para a concretização deste trabalho.

À minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão que sempre me apoiaram ao longo deste percurso académico.

Às minhas colegas Abigail Araújo, Tânia Tomé, Ariana Martins, Carla Silva e Germana Ameixa, pela amizade, apoio e sugestões com que sempre pude contar.

Índice

Introdução.....	1
Parte I: Enquadramento Teórico	
Capítulo 1- Avaliação Psicológica dos interesses e das aspirações vocacionais na Orientação Escolar e Profissional.....	4
1.1 O desenvolvimento vocacional na adolescência.	4
1.2. Avaliação dos Interesses Vocacionais.....	8
1.2.1 O conceito de Interesse Vocacional e seu desenvolvimento.....	8
1.2.2 A Teoria do Holland: O modelo hexagonal.....	11
1.2.3. Medidas de avaliação dos interesses vocacionais.....	14
1.3 Avaliação das Aspirações Vocacionais.....	16
1.3.1 O conceito de Aspiração Vocacional e seu desenvolvimento.....	16
1.3.2. Teorias Psicológicas Sociais: A Teoria da Circunscrição e do Compromisso da Carreira e a Teoria da Autodeterminação.....	19
1.3.3. Medidas de avaliação das aspirações vocacionais.....	23
Parte II: Estudo Empírico	
Capítulo 2 - Metodologia.....	25
2.1. Objetivos.....	25
2.2. Participantes.....	26
2.3. Instrumentos.....	27
2.3.1 Questionário de Dados Demográficos.....	28
2.3.2. Inventário de Interesses Vocacionais.....	28
2.3.3 Índice de Aspirações (Aspirations Index).....	299
2.4. Procedimento.....	31
Capítulo 3 - Apresentação dos resultados.....	33
3.1. Estatística descritiva.....	33
3.2 Estatísticas bivariadas.....	35

3.2.1 Diferenças entre as variáveis dos interesses vocacionais em função do tipo de ensino.....	36
3.2.2 Diferenças entre as variáveis de aspirações vocacionais (Importância/ Probabilidade) em função do tipo de ensino	37
3.2.3. Diferenças entre as variáveis de interesses vocacionais em função do género	40
3.2.4. Diferenças entre as variáveis de aspirações vocacionais (Importância/ Probabilidade) em função do género	42
3.2.5. Diferenças entre as variáveis de interesses vocacionais em função do nível socioeconómico	45
3.2.6. Diferenças entre as variáveis de aspirações vocacionais (Importância/ Probabilidade) em função do nível socioeconómico	46
3.2.7. Relação entre as medidas.....	49
Capítulo 4 - Discussão dos resultados	60
Conclusões.....	66
Referências Bibliográficas.....	70
Anexos.....	76

Índice de Tabelas

Tabela 2.1 - Coeficientes de consistência interna (alfa de <i>Cronbach</i>) nas escalas do Inventário de Interesses vocacionais na versão original e no estudo atual	29
Tabela 2.2 – Coeficientes de consistência interna (alfa de <i>Cronbach</i>) da Escala “Índices de Aspirações” na versão adaptada e no estudo atual.....	31
Tabela 3.1 - Estatística descritiva dos resultados da amostra obtidos nas variáveis de interesses vocacionais.....	34
Tabela 3.2 - Estatística descritiva dos resultados da amostra obtidos nas variáveis de aspirações vocacionais na dimensão da Importância para si.....	34
Tabela 3.3 - Estatística descritiva dos resultados da amostra obtidos nas variáveis de aspirações vocacionais na dimensão da Probabilidade de alcançar.....	35
Tabela 3.4 - Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados <i>t-Student</i> nas escalas utilizadas para medir as variáveis de interesses vocacionais em função do tipo de ensino	36
Tabela 3.5 - Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados <i>t-Student</i> nas variáveis de aspirações vocacionais na dimensão Importância para si em função do tipo de ensino	38
Tabela 3.6 - Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados <i>t-Student</i> nas variáveis de aspirações vocacionais na dimensão Probabilidade de alcançar em função do tipo de ensino	39
Tabela 3.7 - Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados <i>t-Student</i> nos interesses vocacionais em função do gênero.....	41
Tabela 3.8 - Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados <i>t-Student</i> nas aspirações vocacionais na dimensão Importância para si em função do gênero.....	43
Tabela 3.9 - Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados <i>t-Student</i> nas aspirações vocacionais na dimensão Probabilidade de alcançar em função do gênero	44
Tabela 3.10 - Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados <i>t-Student</i> nos interesses vocacionais em função do NSE (Nível socioeconômico)	45
Tabela 3.11 - Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados <i>t-Student</i> nas aspirações vocacionais na dimensão Importância para si em função do NSE.....	47
Tabela 3.12 - Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados <i>t-Student</i> nas aspirações vocacionais na dimensão Probabilidade de alcançar em função do NSE.....	48

Tabela 4 - Matriz das intercorrelações entre as diferentes variáveis.....	50
---	----

Introdução

A Psicologia Vocacional há muito que se dedica ao estudo do desenvolvimento do comportamento vocacional ao longo da vida, desde a infância, altura em que surgem as primeiras aspirações profissionais, até ao momento da velhice onde decorre o afastamento do mundo do trabalho (Taveira & Silva, 2008).

O desenvolvimento de carreira é visto como um processo de aprendizagem e de mudança contínuo em que, no decurso das intervenções e práticas que são utilizadas, permite ajudar nos processos de aprendizagem e de trabalho dos indivíduos no decorrer das diferentes etapas da sua vida (Taveira, 2005).

A intervenção vocacional que se designa por qualquer apoio direto a um indivíduo no sentido de melhorar o seu desenvolvimento de carreira e permitir uma tomada de decisão mais eficaz (Spokane, 1991) surgiu no início do século XX, altura em que o orientador vocacional tinha como principal objetivo auxiliar o jovem na fase da transição da escola para o emprego (Guichard, 2002). A partir do início do século XX a intervenção vocacional evoluiu significativamente através da implementação dos serviços de orientação escolar e profissional, tendo-se alargado a todo o *life-span*, permitindo ajudar o jovem na implementação de decisões eficazes de carreira ao longo da vida (Spokane & Oliver, 1983, citado por Leitão, 2004) e ter o acesso à informação de qualidade respeitante à educação, formação e trabalho, com o objetivo de promover a “aquisição de competências de gestão da carreira” (OCDE, 2004, p. 80).

Atualmente, a orientação escolar e profissional vista como uma modalidade de intervenção vocacional é concebida como um conjunto de apoios prestados às pessoas, em qualquer idade, relativamente ao desenvolvimento da sua carreira durante uma vida (Guichard, 2002), com o intuito de ajudar as pessoas a realizar uma boa adaptação profissional e facilitar o bom funcionamento da economia (Super & Crites, 1949).

Porém, segundo Taveira (2005), a prática da orientação vocacional assume uma especial importância na adolescência, pois é fundamentalmente nessa fase que se estuda o comportamento vocacional e o processo de desenvolvimento da carreira, a partir da manifestação das aptidões, dos interesses e traços de personalidade do jovem que, ao ter conhecimento do seu potencial e das suas características, farão dele um homem mais feliz, mais trabalhador e um cidadão mais útil (Super & Crites, 1949) e futuramente com satisfação no trabalho, devido ao conhecimento real dos seus interesses vocacionais (Hansen, 2005).

Neste sentido, no período da adolescência a orientação escolar e profissional consiste em ajudar o jovem a obter uma melhor compreensão das suas aptidões e dos seus interesses, através da sua avaliação, para poder se envolver em diversas atividades e facilitar a sua adaptação (Super & Crites, 1949). Todavia, para além dos interesses vocacionais e das aptidões serem fundamentais no desenvolvimento de carreira e na formação das escolhas vocacionais futuras, as aspirações de carreira também assumem um papel determinante, nomeadamente nos tipos de trabalho que os adolescentes poderão vir a envolver-se futuramente (Gottfredson & Becker, 1981), na medida em que as aspirações podem contribuir para a compreensão do autoconceito e para a escolhas de carreira e realização profissional (Rojewski, 2005).

Considerando que a orientação vocacional nas escolas é dirigida com maior frequência aos jovens dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, por se encontrarem num momento importante de tomada de decisão no sistema escolar, nomeadamente na escolha das disciplinas, na transição para o ensino secundário ou para o mundo o trabalho, o que os profissionais de orientação escolar e profissional procuram é atender às necessidades de um conjunto diversificado de alunos, através de um acompanhamento, por vezes, mais personalizado (OCDE, 2004).

No 3.º ciclo do ensino básico, especificamente no 9.º ano de escolaridade, o sistema educativo consagra, por um lado, turmas de ensino regular que se destinam a jovens que obedecem a uma organização curricular comum a todos e, por outro, turmas de cursos de educação e formação que se destinam a jovens em risco de abandono escolar que obedecem a uma estrutura curricular alternativa ajustada aos seus interesses, através da existência de várias cursos integrados em várias áreas de formação, para poderem concluir o 9.º ano de escolaridade (Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional, 2012).

O acompanhamento vocacional, que se realiza a partir dos programas de orientação escolar e profissional, dirigem-se a todos estes alunos e tem como finalidade ajudar a preparar a transição, a partir de um conjunto de etapas importantes, nomeadamente, o conhecimento de si próprio, a informação acerca do mercado de trabalho e das várias alternativas existentes após o 3.º ciclo, a avaliação dos interesses vocacionais, das aspirações vocacionais, das competências escolares, dos valores.

Tendo isto em conta e o que já foi dito anteriormente, as aspirações de carreira e os interesses vocacionais constituem uma boa ferramenta de avaliação, especialmente no 9.º ano de escolaridade, por estarem próximos de tomar uma decisão face às várias alternativas

educacionais existentes no ensino secundário, existindo preferências e objetivos de carreira diversos, por vezes mais idealistas do que outros, cuja a sua avaliação iria contribuir para um conhecimento das suas reais preferências e objetivos de vida e expectativas direcionando a sua tomada de decisão e as suas escolhas de carreira futuras.

Face ao exposto, o projeto desta investigação nasceu da constatação de que a avaliação dos interesses vocacionais e das aspirações vocacionais é bastante útil no período da adolescência, nomeadamente, no 9.º ano de escolaridade, e tendo em conta que neste grau de ensino consagram dois níveis de ensino que se diferenciam em termos da estrutura curricular, com o presente trabalho procurou-se investigar se os interesses vocacionais e as aspirações vocacionais se distinguem entre os alunos das turmas do ensino regular e os alunos das turmas dos cursos de educação e formação do 9.º ano de escolaridade. A partir da presente investigação, procurou-se contribuir para uma maior clarificação dos aspetos vocacionais e de desenvolvimento de carreira dos adolescentes, em particular, através do estudo dos interesses e das aspirações dos alunos de ambos os tipos de ensino presentes no sistema educativo.

Em termos de estrutura, este trabalho encontra-se organizada em duas partes interdependentes. A primeira de fundamentação teórica, integrando o capítulo I onde é explicitado o desenvolvimento vocacional na adolescência, seguido da avaliação psicológica dos interesses e das aspirações vocacionais na orientação escolar e profissional. No tema da avaliação dos interesses vocacionais, é abordado o conceito de interesse vocacional e seu desenvolvimento, a teoria do Holland e as medidas da avaliação dos interesses vocacionais. No tema da avaliação das aspirações das aspirações vocacionais, é desenvolvido o conceito de aspiração vocacional e seu desenvolvimento, a teoria da circunscrição e do compromisso da carreira e a teoria da autodeterminação e, por fim, as medidas de avaliação das aspirações vocacionais. A segunda parte de estudo empírico, integra três capítulos, o capítulo 2 onde é desenvolvido os objetivos da investigação, a descrição dos participantes, os instrumentos de avaliação psicológica aplicados e o procedimento, o capítulo 3 onde é descrito a apresentação dos resultados e o capítulo 4 onde é descrito a discussão dos resultados. Por fim, são apresentadas as conclusões do presente investigação, bem como a as referências bibliográficas utilizadas.

Parte I: Enquadramento Teórico

Capítulo 1

Avaliação Psicológica dos interesses e das aspirações vocacionais na Orientação Escolar e Profissional

1.1 O desenvolvimento vocacional na adolescência.

O desenvolvimento vocacional é um construto ligado ao conceito de carreira e descrito como um processo em que as pessoas desenvolvem a capacidade de se envolver no trabalho como parte da sua vida. Implica, também, a formação de objetivos de carreira de modo a serem mais eficientes no seu trabalho, uma vez que a ocupação laboral é um forte determinante no seio da comunidade, da riqueza e do estilo de vida (Johnson & Mortimer, 2002; Lazarus & Ihuoma, 2011).

A adolescência é um período de desenvolvimento que marca a transição entre a infância e a idade adulta, na qual o jovem passa por mudanças que conduzem a uma transformação a vários níveis, nomeadamente a nível pessoal. Ou seja, para além das transformações físicas, o jovem começa a vivenciar o mundo exterior de forma diferente, desenvolve a capacidade de apreender sentimentos e emoções em si próprio, como nos outros, começa a entender a sua identidade enquanto ser humano, dando sentido à sua experiência de vida. Para além disso, passa a apreciar o mundo exterior de uma forma mais objetiva, complexa, abstrata, compreensiva e a perceção sobre si próprio e dos outros passa a ser mais vasta (Sprinthall & Sprinthall, 1990).

Ao mesmo tempo que estas alterações ocorrem e que caracterizam a adolescência, é nesta fase também que o desenvolvimento vocacional sofre uma aceleração (Taveira, 2005) influenciando fortemente o desenvolvimento dos seus interesses vocacionais e das suas aspirações de carreira (Watson, Quatman & Edler, 2002).

Na teoria de desenvolvimento da carreira de Donald Super (1980) o desenvolvimento vocacional ocorre desde a infância e ao longo da vida através de estádios desenvolvimentais - *crescimento* na infância, *exploração* na adolescência, *estabelecimento* na jovem adultez, *manutenção* na média adultez e *declínio* na idade avançada - que se caracterizam por tarefas de desenvolvimento vocacional. Em cada estádio, as competências vocacionais, os interesses e o autoconceito vocacional desenvolvem-se mediante as experiências e situações vividas, sendo fundamentais para o desenvolvimento vocacional.

O estágio de *exploração*, que decorre no período da adolescência, mais frequentemente entre os 14 e os 24 anos, é o momento em que há um envolvimento com o mundo interior e exterior e uma preparação para as escolhas de carreira e um conhecimento do que querem seguir em termos profissionais. A fase inicial do estágio começa com a consciência do jovem em relação ao sentido do trabalho como um dos aspetos da vida, mas as escolhas que os jovens expressam são na sua maioria irrealistas e, normalmente, não apresentam muito significado a longo prazo para eles. No decorrer da adolescência, o jovem desenvolve a sua identidade vocacional, transformando gradualmente o autoconceito vocacional em identidade vocacional. Para além disso, como o próprio nome indica, o comportamento chave desta etapa é a exploração vocacional em que o jovem adquire informação sobre si próprio e sobre as ocupações, conduzindo ao aumento da consciência dos traços pessoais e do mundo do trabalho e seja capaz de realizar as escolhas correspondentes e construir a sua carreira. É através deste comportamento de procura pela informação, que promove experiência e conhecimento, que o adolescente consegue lidar com as três tarefas vocacionais que são pretendidas neste estágio, nomeadamente a tarefa de *cristalização de preferências/interesses*, a tarefa de *especificação* e a tarefa de *implementação* (Savickas, 2002).

A primeira tarefa, designada por *cristalização das preferências vocacionais*, é descrita por um momento de formação de objetivos de carreira com base na exploração vocacional e na compreensão dos seus interesses, competências e valores (Savickas, 2002). Para isso, o jovem explora em busca de uma compreensão acerca de si próprio que fará desenvolver as atitudes, as crenças e as competências necessárias para consolidar o seu autoconceito vocacional (Savickas, 2002). Para Super, o autoconceito desempenha um papel crítico no desenvolvimento vocacional (Rojewski, 2005), pois à medida que o adolescente explora e observa o seu self, o autoconceito desenvolve-se, assim como a diferenciação da sua auto percepção que “ajudam o adolescente a desenhar um retrato objetivo dos seus interesses vocacionais, competências ocupacionais e valores do trabalho” (Savickas, 2002, p.172). Ao longo da adolescência, essa diferenciação desenvolve-se e a descrição que o jovem faz de si aumenta para dimensões mais abstratas, sendo capaz de diferenciar várias ocupações e, no seguimento da avaliação e da reflexão que o jovem faz das suas competências, interesses e valores, de revelar preferências provisórias, bem como aspirar determinadas escolhas de carreira (Gottfredson, 1996; Savickas, 2002). As aspirações de carreira tendem a desenvolver-se nesta fase de exploração e são vistas, na perspetiva de Super e de

Gottfredson, como uma representação do autoconceito ocupacional do indivíduo, ou seja, como um reflexo do autoconceito ocupacional (Rojewski, 2005).

Como as preferências preliminares já se encontram formadas e as aspirações de carreira a desenvolver-se, a prontidão para realizar as escolhas da carreira aumentam e o adolescente defronta-se com a segunda tarefa de desenvolvimento da fase de exploração da carreira, que designa-se por *especificação da escolha ocupacional* (Savickas, 2002). Esta é uma fase que se caracteriza por um processo de tentativa em selecionar uma escolha de carreira específica (Savickas, 2002). Para isso, é necessário que o adolescente, em primeiro lugar, especifique uma escolha ocupacional para proceder a uma exploração em profundidade, tendo em conta as preferências preliminares já formadas (Savickas, 2002). A especificação de uma escolha compreende uma comparação entre a imagem do self e a imagem ocupacional, mas também a construção de uma história que envolve os interesses e as competências, assim como a organização das autopercepções resultantes do autoconceito (Savickas, 2002). Essa história construída pelo indivíduo fortifica a forma como se vê em si mesmo em relação ao mundo e contribui para a formação da identidade vocacional através de um processo de transferência dos autoconceitos vocacionais para os papéis ocupacionais (Savickas, 2002).

Especificada a escolha ocupacional, o jovem é confrontado com, a última tarefa vocacional, a *implementação da escolha ocupacional*, sendo descrita por um período em que o jovem inicia um processo de treino e de realização da sua escolha vocacional (Savickas, 2002). Esta tarefa exige uma envolvimento com tarefas experimentais na ocupação específica, no qual o progresso inicial incide no desenvolvimento de competências que preparam o jovem para ingressar na ocupação através de mais escolaridade, formação e aprendizagem (Savickas, 2002). Para isso, o adolescente deve experimentar vários trabalhos num processo de eliminação para que progrida e adquira estabilidade, de forma a tornar a ocupação segura, firme e a desenvolver as suas aspirações de carreira (Savickas, 2002). Na perspectiva de Gottfredson, através da sua teoria da circunscrição e do compromisso da carreira, as aspirações de carreira resultam em grande parte deste processo de eliminação e rejeição das opções ocupacionais (Rojewski, 2005).

Atendendo a estas tarefas de desenvolvimento vocacional ocorridas no período da adolescência e associadas a um conjunto de atitudes e comportamentos que são manifestos, é esperado que o jovem alcance um nível adequado de maturidade vocacional (Taveira, 2005) uma vez que, ao longo das tarefas vocacionais, o adolescente vivencia momentos de exploração com o self e com o mundo ocupacional que contribuem para o

desenvolvimento aprofundado da carreira, especificamente, ao nível dos interesses vocacionais e das aspirações de carreira.

Segundo Rodermund & Vondracek (1999), esta capacidade exploratória do mundo ocupacional esperada na adolescência e precursora de um ótimo desenvolvimento vocacional está associado a um comportamento exploratório vivenciado na infância, através da criação de atividades culturais através da leitura, jogos de fantasia, etc. Isto é, de acordo com o autor, níveis mais elevados de exploração na infância nestas áreas são determinantes para um comportamento mais exploratório na adolescência. Esta ideia está presente na teoria de Bowlby, na medida em que o autor associa o sistema de vinculação com as figuras mais próximas no processo de exploração, ao afirmar que a exploração só pode ser ativada e desenvolvida na adolescência se o sistema de vinculação estiver minimamente ativada desde a infância (Atger, 2004).

Desta forma, a influência familiar é considerada um fator importante no processo de desenvolvimento vocacional na adolescência, pois a exploração é um dos principais meios pelo qual os adolescentes se direcionam em torno do desenvolvimento da identidade vocacional e preparação para futuras escolhas de carreira (Vondracek & Skorikov, 1997). Para além disso, é uma fase que os jovens se envolvem na escolha da carreira (Lazarus & Ihuoma, 2011) sentindo necessidade de analisar e debater sobre os seus planos de carreira, ao mesmo tempo que manifestam vontade de ter ajuda no planeamento da carreira. Esta necessidade em partilhar o futuro vocacional ocorre porque é essencialmente neste período que os jovens começam a identificar as suas preferências vocacionais e a aspirar determinadas escolhas vocacionais (Taveira, 2005; Gottfredson, 1996), uma vez que a sociedade estimula os adolescentes a explorar uma variedade de ocupações e a envolverem-se na exploração informal e na aprendizagem por meio de atividades vocacionais, escolares e de lazer, o que contribui para a formação das preferências vocacionais, da identidade vocacional e escolhas profissionais que são incorporados nos papéis ocupacionais (Vondracek & Skorikov, 1997). Talvez esta experiência escolar e de lazer permita justificar o motivo pelo qual se verifica que alguns adolescentes já conhecem os seus traços como trabalhador e as responsabilidades a tomar, enquanto outros denota-se pouca segurança sobre a realidade vocacional, não possuindo informação para explorar e assumir um compromisso firme com o seu projeto de carreira (Taveira, 2005).

Tendo em conta todo o processo de desenvolvimento vocacional que ocorre na adolescência, destaca-se a prática da orientação vocacional neste período, na medida em que as suas preferências e aspirações vocacionais dominam nesta fase e necessitam de ser

avaliadas e exploradas para ajudar o adolescente a atingir uma maior consciência/maturidade vocacional para, finalmente, tomar decisões realistas face ao seu futuro profissional (Taveira, 2005).

Para terminar, a adolescência é na realidade um período que deve ser considerado em todo o processo de elaboração do projeto de vida, na medida em que é um momento de desenvolvimento dos interesses vocacionais e das aspirações de carreira que irão influenciar as decisões de carreira dos jovens.

1.2. Avaliação dos Interesses Vocacionais

1.2.1 O conceito de Interesse Vocacional e seu desenvolvimento

As escolhas de carreira são dirigidas por traços de personalidade, interesses vocacionais e valores cujas as diferenças individuais ajudam a estabilizar as escolhas e as opções de mudança ocupacional (Ng, Sorensen, Eby, & Feldman, 2007).

Os interesses há muito que tem sido objeto de interesse por parte dos profissionais de aconselhamento vocacional (Super & Crites, 1949), sendo descrito como um constructo psicológico fruto da interação individuo-ambiente (Krapp, Hidi & Renninger, 1992; Leitão & Miguel, 2004) que envolve uma atitude ou um sentimento agradável considerado benéfico para o self (Savickas, 1999). Em 1955, Strong afirmava que os interesses caracterizavam-se pela “*atenção persistente*”, uma vez que manifestam uma consciência ou atenção por uma pessoa, objeto ou atividade, pelo “*sentimento de estima por um objeto*”, ao remeter para a perceção de uma sensação agradável, pela “*direção*”, na medida em que conduzem a pessoa em direção a um objeto e pela “*atividade*”, em que a pessoa detém uma tendência comportamental em relação ao objeto. Para além destes quatro atributos, Strong também designava os interesses em função da sua “*intensidade*” e “*duração*” (Savickas, 1999).

“Os interesses vocacionais são uma das variáveis incluídas na maioria dos modelos de desenvolvimento de carreira” (Hansen, 2005, p. 281), nomeadamente da teoria de Holland, constituindo um suporte fundamental na psicologia vocacional e no aconselhamento de carreira desde o início de 1900, por ser fundamental no desenvolvimento de carreira (Betsworth & Fouad, 1997) e por desempenhar um papel central na identidade vocacional nos adolescentes (Vondracek & Skorikov, 1997).

“Os interesses vocacionais podem ser definidos como preferências por atividades de vida diferentes” (Crites, 1999, p. 163) e referem-se à capacidade para identificar as atividades que mais ou menos se gosta, como também de prestar atenção à satisfação que resulta das próprias atividades e da preferência por atividades escolares e profissionais com base no interesse observado e procura de informação das mesmas (Leitão, 2004). A envolvimento pelas atividades requer competências para desenvolverem com profundidade o interesse nas mesmas e o evitamento pelas atividades prediz a não competência para as realizar ou então a manifestação da falta de interesse pelas mesmas (Gottfredson, 2002). A manifestação de interesse pelas atividades revelam-se não só mas também, quando a pessoa é questionada acerca da ocupação que gostaria de exercer (Gottfredson, 1981). Quando há divergência nas respostas, deve-se a uma variedade de fatores, nomeadamente, o género, a idade, a inteligência, o nível socioeconómico, a etnia, a residência, entre outros atributos sociais (Gottfredson, 1981). As diferenças nos interesses entre os géneros têm sido estudadas, apontando que os homens e as mulheres diferem em termos dos seus interesses em algumas áreas, nomeadamente, as mulheres expressam mais interesses artísticos e sociais e os homens expressam mais interesses realistas e intelectuais (Hansen, 2005).

Apesar de se enquadrarem num processo de exploração desde a infância, “as teorias da escolha da carreira e desenvolvimento dizem pouco sobre o modo como os interesses se desenvolvem” (Gottfredson, 1999, p. 57). No entanto, Ferreira (1991) aponta que eles desenvolvem-se ao longo da vida e estão relacionados com a história pessoal, com a forma como as pessoas consolidam as profissões que, por inerência, influenciam as escolhas ocupacionais e, também, as características individuais/personalidade dos indivíduos que ingressam nas diversas profissões.

Segundo a definição de Savickas (1999), o constructo de interesse diferencia-se, por um lado, como o

... *o estado de estar interessado* – posição do sujeito relativamente a um único interesse específico – por outro lado, *o interesse como traço de personalidade* – tendência disposicional de resposta consistente, persistente e estável que aumenta a prontidão para prestar atenção e agir relativamente a um grupo específico e homogéneo de estímulos ambientais. (Leitão e Miguel, 2004, p. 182).

Segundo Savickas (1999, p. 41), “embora a hereditariedade, a aprendizagem, a competência, a personalidade sejam igualmente importantes na determinação dos interesses, os teóricos têm se concentrado na pesquisa e na reflexão do papel da

personalidade como determinante dos interesses vocacionais”. Atualmente, em torno desta e de outras investigações e do modelo do Holland, os interesses são vistos como variáveis de personalidade.

Para além desta relação entre os interesses e a personalidade, a relação entre os interesses e as aspirações também tem sido foco de análise, nomeadamente através da teoria da circunscrição e do compromisso. Gottfredson (1981) afirma que se os interesses manifestados tiverem consolidados e a percepção de acessibilidade for fraca, as alternativas ocupacionais são de fantasia, isto é, aspirações do indivíduo são idealistas. Caso contrário, as aspirações das alternativas ocupacionais são realistas. Esta ideia reflete que os interesses vocacionais conduzem à manifestação de aspirações de carreira, que podem ser idealistas ou realistas e que, conseqüentemente, contribuem para a formação das escolhas da carreira. Todavia, esta relação entre os interesses e as aspirações pode refletir-se através do conceito de motivação, na medida em que “o interesse é um poderoso motivador” desde a infância, constituindo um importante motivador na vocação mais tarde, contribuindo para o desenvolvimento das ocupações devido aos interesses que as atividades suscitam (Deci, 1992). Tendo em conta que o interesse conduz à motivação, à luz do modelo da autodeterminação, vai permitir que a exploração dos diversos interesses seja intrinsecamente motivada e, conseqüentemente, que tenham acesso às desejadas opções ocupacionais, ou seja, ao que aspiram profissionalmente (Blustein & Flum, 1999).

Face à relevância do papel dos interesses vocacionais na formação das escolhas de carreira, o conhecimento sobre a sua estabilidade é especialmente importante a fim de o orientador se sentir mais seguro e confiante em predizer os futuros ambientes de trabalho (Hirschi, 2010), uma vez que se os interesses não forem estáveis, ou seja, se forem um estado em vez de um traço, os inventários de interesse não têm capacidade para predizer as escolhas educacionais e ocupacionais (Hansen, 2005), o que dificulta o processo de aconselhamento de carreira.

Uma investigação realizada no âmbito da área vocacional apontou que os interesses vocacionais são estáveis durante a adolescência e essa estabilidade aumenta notavelmente após a adolescência (entre os 18 anos e os 21 anos) e permanecem estáveis na idade adulta e ao longo da vida. De acordo com o estudo, esta trajetória de estabilidade deve-se à capacidade do adolescente/adulto em combinar os traços de personalidade com os ambientes ocupacionais (Low, Yoon, Roberts, & Rounds, 2005), conforme aponta a teoria do Holland. Já outros autores afirmam que os interesses vocacionais são estáveis ao longo da vida porque os interesses e o sentimento de competência desenvolvem-se no decorrer da

escolaridade (Sodano, 2011) à medida que os alunos adotam um comportamento exploratório precursor do desenvolvimento da identidade e, portanto, de uma saudável transição para a idade adulta (Rodermund & Vondracek, 1999).

Em resumo, os interesses vocacionais são produto da interação indivíduo-ambiente, designados como variáveis de personalidade contribuindo para a manifestação das aspirações de carreira através do conceito de motivação. Tendo isso em conta, torna-se relevante estudar os interesses vocacionais através de um modelo de desenvolvimento de carreira – o modelo hexagonal.

1.2.2 A Teoria do Holland: O modelo hexagonal

Na literatura, investigadores têm procurado analisar diferenças individuais que possam ajudar o indivíduo a assumir um comportamento relativamente à carreira. Nessas investigações, destaca-se o modelo tipológico dos interesses vocacionais de John Holland que, através da necessidade em desenvolver um instrumento culturalmente válido para uso no aconselhamento de carreira, desenvolveu uma tipologia com validade para outras culturas (Ferreira & Hood, 1995).

O Psicólogo norte-americano John Holland é autor de uma das mais importantes teorias contemporâneas do desenvolvimento vocacional com utilidade em termos de investigação e de prática (Rayman & Atanasoff, 1999). A sua teoria revolucionou a prestação de assistência vocacional a nível mundial, tendo o autor trabalhado para desenvolver ferramentas de carreira para ajudar os conselheiros e os clientes a compreender e lidar com os problemas profissionais (Gottfredson, 1999). É uma teoria testada empiricamente e tem sido aplicada através do desenvolvimento de instrumentos de avaliação e da interpretação de interação pessoa-ambiente (Spokane, Luchetta & Richwine, 2002). A apresentação da versão inicial da teoria ocorreu nos finais dos anos 1959, tendo sido feita várias revisões até a uma última apresentação em 1997 (Ferreira & Hood, 1995).

A teoria de Holland, também conhecida como teoria de RIASEC, é uma teoria do desenvolvimento de carreira com grande influência na prática de aconselhamento de carreira (Rayman & Atanasoff, 1999). Isto é, através da sua teoria é possível educar jovens e adultos em relação ao mundo do trabalho, fornecer informações sobre as profissões, encorajar a usar a informação e facultar assistência em situar as profissões que sejam consistentes com as suas características individuais (McDaniel & Snell, 1999). Desta forma, é uma teoria da personalidade vocacional e dos ambientes profissionais, na qual a

sua tipologia constitui um vocabulário próprio para descrever as características individuais e os ambientes de trabalho com o intuito de ajudar os indivíduos a conhecer algumas características pessoais e ambientais e procurar um ajustamento entre o seu padrão de personalidade e o seu ambiente de trabalho (Gottfredson & Richards, 1999). A partir deste ajustamento, e de acordo com Muchinsky (1999), Holland refere que “a escolha profissional é assumida como sendo o resultado de um tipo de pessoa e de ambiente e que a natureza do ambiente provém dos tipos de pessoa, no qual dominam o ambiente” (1976, p.533 e 534).

De acordo com Hogan & Blake (1999, p.41 e 42), Holland sempre acreditou que a personalidade e as escolhas vocacionais estavam relacionadas, no qual menciona

Se os interesses vocacionais são interpretados como uma expressão da personalidade, então eles representam a expressão da personalidade no trabalho, nas disciplinas escolares, nos hobbies, nas atividades recreativas e nas preferências. Em resumo, o que nos chamamos de interesses vocacionais são simplesmente um aspeto da personalidade e se os interesses vocacionais são uma expressão da personalidade, então os inventários de interesse são inventários de personalidade. (Holland, 1973, p.7)

Esta afirmação do autor esclarece, então, que o conhecimento da personalidade conduz ao conhecimento dos interesses vocacionais e assim sendo, “é o tipo de personalidade que exerce a principal influência na escolha vocacional realizada por cada indivíduo” (Hood & Ferreira, 1993, p. 457), sendo a escolha de uma profissão, em parte, expressão da personalidade (Ferreira, 1991).

Desde a sua origem que esta teoria tem sido amplamente aplicada à vida profissional exatamente por permitir que o indivíduo consiga descobrir ambientes de reforço e de satisfação compatíveis com o seu padrão de personalidade (Holland, 1997, citado por Wille, Fruyt & Feys, 2010). Esta interligação que se traduz numa adaptação/ajustamento entre pessoa-ambiente é um conceito que remonta há muitos anos, no qual não é apenas o indivíduo ou o ambiente de trabalho que determina o sucesso profissional, mas sim o grau de ajustamento entre os mesmos, uma vez que segundo Holland as pessoas são mais felizes e bem-sucedidas no seu trabalho quando as características individuais são congruentes com as características do ambiente de trabalho (Yang et al., 2008). Isto é, se os ambientes são semelhantes ao tipo de personalidade da pessoa, é mais provável que o indivíduo seja bem-sucedido, se sinta satisfeito e tenha uma atividade profissional produtiva (Rayman &

Atanasoff, 1999). Ou seja, esta congruência está positivamente associada com a satisfação no trabalho, estabilidade e sucesso, uma vez que o trabalho altera a capacidade para satisfazer os interesses individuais (McDaniel & Snell, 1999).

Através da teoria desenvolvida, o autor desenvolveu um modelo hexagonal que especifica seis tipos de personalidade e ambientes correspondentes: Realista (R), Investigador (I), Artístico (A), Social (S), Empreendedor (E), Convencional (C), de forma a representar a relação entre os seis diferentes tipos. Cada tipo é caracterizado por um único conjunto de preferências profissionais, ou interesses e traços de personalidade (Mackay & Tokar, 2012), assim como representam competências e comportamentos (Gottfredson & Richards, 1999). O autor descreve esta taxonomia referindo que a maioria das pessoas pode ser classificada em função do seu grau de semelhança com os seis tipos de personalidades/ambientes ocupacionais: RIASEC. Isto é, através de uma predisposição genética e influência ambiental, os indivíduos desenvolvem características de personalidade e de ambiente ocupacional que são semelhantes a estes seis tipos de personalidade, constituindo o seu grau de personalidade e de interesse vocacional (Rayman & Atanasoff, 1999). Como forma de representar os resultados resultantes do grau de semelhança com estes tipos de personalidade, “Holland criou um sistema de codificação, que indica os tipos primário e secundário de cada pessoa. Este código é expresso, através de uma combinação de três letras, correspondendo cada uma delas à primeira letra de um dos seis tipos” (Hood & Ferreira, 1993, p. 464). Por exemplo, o código SAE referente a uma determinada pessoa, indica-nos que ela é, em primeiro lugar, parecida com o tipo social, em segundo, com o artístico e, em terceiro, com o tipo empreendedor.

O prognóstico dos resultados do perfil de interesse resultantes da semelhança com os seis tipos pode ser descrito em termos da *consistência*, *diferenciação*, *identidade* e *congruência* (Gottfredson & Richards, 1999). Estes conceitos fazem parte da teoria de Holland e são importantes para prognosticar como os indivíduos irão reagir em diferentes contextos (Gottfredson & Richards, 1999). A *consistência* diz respeito ao grau de semelhança que existe entre os tipos que é proporcional às distâncias entre os mesmos. Ou seja, quanto mais curta for a distância entre dois tipos ou ambientes, maior será a correlação ou semelhança psicológica, que irá representar o estilo da pessoa. Por exemplo, uma pessoa que tenha semelhanças com dois tipos que são adjacentes (a distância é curta entre eles), pode dizer-se que tem uma personalidade consistente (Hood & Ferreira, 1993). A *diferenciação* descreve a precisão e a clareza de um perfil de interesse. Por exemplo, uma pessoa que tem semelhanças com dois tipos adjacentes (distância curta entre eles) tem

uma personalidade definida e diferenciada, ou seja, um tipo de personalidade dominante com interesses consistentes (Richards & Gottfredson, 1999). A *identidade* revela-nos em que medida a pessoa tem um tipo de personalidade ou ambiente estável e definido. Isto é, quanto mais uma pessoa se parece com um determinado tipo, mais tendência tem em revelar traços característicos próprios desse estilo, na medida em que se torna mais claro a identificação da sua personalidade em termos dos seus objetivos, interesses e competências que irá determinar a “escolha educacional/ vocacional, a estabilidade vocacional, o sucesso vocacional, o aproveitamento escolar, a competência pessoal, o comportamento social e a capacidade para influenciar os outros” (Hood & Ferreira, 1993, p. 464). A *congruência* diz respeito à correspondência entre os tipos e os ambientes. Ou seja, uma pessoa irá sentir uma maior satisfação e realização se tiver num ambiente que seja congruente com o seu tipo de personalidade e terá menos empatia noutra ambiente onde dominem tipos de personalidades distintos, uma vez que não lhe dará oportunidade de se exprimir e obter recompensas e satisfações que ela procura (Hood & Ferreira, 1993).

Tendo em conta estes conceitos, importa referir que através desta representação do modelo, o autor desenvolveu uma metodologia de intervenção eficaz baseando-se na ideia de que uma adequada escolha profissional e satisfação na carreira surge em função de uma correspondência com êxito entre o tipo de personalidade do individuo e o ambiente de trabalho. Ou seja, a adoção deste modelo requer uma intervenção no qual o sujeito consiga interligar os interesses pessoais com as exigências ocupacionais através dos códigos RIASEC (McDaniel & Snell, 1999), promovendo assim a relação entre o conhecimento do próprio individuo com o conhecimento sobre as profissões para que o processo de tomada de decisão seja realizado com maior exatidão, ponderação e reflexão (Hood & Ferreira, 1993).

1.2.3. Medidas de avaliação dos interesses vocacionais

A Psicologia Vocacional é conhecida pela avaliação dos interesses, no qual a sua relevância prende-se ao nível da intervenção de carreira (Savickas & Spokane, 1999; Hansen, 2005), na medida em que permite ajudar as pessoas a realizar escolhas educacionais e profissionais (Hansen, 2005).

A avaliação dos interesses vocacionais enquadra-se no estudo dos interesses a abordar no sistema educativo ou em consulta individual, constituindo um ingrediente fundamental na intervenção e na avaliação da orientação e aconselhamento vocacional a partir de

metodologias quantitativas ou de metodologias qualitativas. Quando a avaliação dos interesses insere-se numa abordagem quantitativa, considera-se os inventários de interesses (Miguel & Leitão, 2004). São os vários os exemplos de escalas padronizadas, nomeadamente, o *Strong Interest Inventory* (SII), o *Self-Directed Search* (SDS), o *Kuder Occupational Interest Survey* (KOIS), o *Campbell Interest and Skill Survey* (CISS) (Leitão & Miguel, 2004). Estes inventários, entre outros, contribuem muito como ferramenta de avaliação e de intervenção de carreira e aplicam-se quando o cliente recorre a um conselheiro de carreira para receber ajuda e este administra um inventário de interesses profissional padronizado para avaliar as suas preferências ocupacionais, o que gosta e o que não gosta, e o seu estilo de personalidade (Hartung, 1999).

Deste modo, os inventários de interesses podem ser uma importante fonte de ajuda no planeamento de carreira, sobretudo, para indivíduos indecisos (Ferreira & Hood, 1995), cujos os interesses são avaliados através de listas de atividades e ocupações, em que para cada item o sujeito responde de acordo com a sua preferência (Super & Crites, 1949), ou seja, são solicitados a manifestar a atração, desagrado ou indiferença perante atividades ou objetos ou tipos de pessoas (Crites, 1999). As respostas, ao serem somadas, resultam em pontuações por escala que se encontram organizadas em perfis padronizados com a intenção de representar o perfil de interesses vocacionais do sujeito, por referência a um grupo normativo, transmitindo informação pertinente acerca das diferenças individuais face às preferências vocacionais (Crites, 1999). No momento da devolução da informação, “os resultados devem ser interpretados pelo psicólogo e comunicados ao cliente de um modo capaz de promover eficazmente o autoconhecimento, de facilitar a tomada de decisão e de informar o projeto de vida” (Savickas & Spokane, 1999, p. 253).

Todavia, apesar de os inventários de escala identificarem as preferências vocacionais dos sujeitos, não permitem visualizar a individualidade inerente ao investimento motivacional que o sujeito transmite (Leitão & Miguel, 2004). É nesta linha que a abordagem qualitativa também assume a sua importância. Este processo avaliativo constitui outro modo de avaliação dos interesses a partir da perspectiva do próprio sujeito, permitindo elaborar a representação que tem de si em torno das suas perceções e do mundo e das suas aspirações (Leitão & Miguel, 2004). Através desta modalidade de avaliação, o sujeito tem a possibilidade não só de assimilar os seus interesses a partir de si próprio, mas também de ter a perceção do valor que atribui aquilo que lhe ativa o interesse (Leitão & Miguel, 2004). Para além disso, permite que o cliente explore o significado dos conteúdos dos interesses, bem como o grau de acessibilidade que o meio lhe permite para investir

com motivação as suas necessidades básicas (competência, autonomia e vínculo social) com a intenção de obter satisfação e sucesso (Leitão & Miguel, 2004). Algumas metodologias qualitativas são objeto de avaliação, designadamente, a Escolha dos Cartões Ocupacionais (ECO), o Processo de Avaliação Dinâmica dos Interesses (PADI), o Berufsbilder-test (BBT), entre outros (Leitão & Miguel, 2004).

1.3 Avaliação das Aspirações Vocacionais

1.3.1 O conceito de Aspiração Vocacional e seu desenvolvimento

As aspirações ocupacionais foram estudadas ao longo do século XX no qual receberam muita atenção, tanto na literatura psicológica como na literatura sociológica, não só porque todos os indivíduos possuem aspirações, principalmente quando procuram responder às questões relacionadas com a carreira “O que queres ser quando cresceres?” (Rojewski, 2005, p. 131), como também os planos ou as aspirações acerca do futuro educacional e profissional fazem parte do dia-a-dia de cada um e ajudam a compreender que cada um é responsável por decidir que tipo de trabalho gostaria de exercer ou espera realizar (Rojewski, 2005).

As aspirações de carreira são definidas como objetivos ou metas de carreira do indivíduo que conduzem a planos de carreira, orientando-o para atividades específicas, sendo determinantes no desenvolvimento de competências particulares do sujeito, nas quais permitem predizer as escolhas de carreira (Gottfredson, 2002). Traduzem uma importância para a organização/estrutura e direção do comportamento e ajudam a avaliar e a formar o seu percurso de vida com consequências a nível social e do ajustamento psicológico (Niemi, Ryan & Deci, 2009). Para além disso, também assumem particular importância noutras dimensões, nomeadamente, na compreensão do autoconceito, na perceção do domínio social sobre as oportunidades disponíveis e nas futuras escolhas educacionais e profissionais (Rojewski, 2005).

As aspirações ocupacionais são um conceito presente na teoria da autodeterminação (*self-determination theory*; SDT) consideradas como uma expressão do ideal do indivíduo que refletem o grau em que as necessidades inatas de competência, relacionamento e autonomia foram satisfeitas ou fracassadas ao longo do tempo (Deci & Ryan, 2008). Isto é, se estas necessidades são experienciadas com fracasso o indivíduo tende a manifestar objetivos ou aspirações de vida extrínsecos. Mas, se forem experienciadas com satisfação o

indivíduo tende a manifestar objetivos ou aspirações de vida intrínsecos (Deci & Ryan, 2008). As aspirações intrínsecas expressam desejos congruentes com as tendências do crescimento natural do ser humano, ou seja, são suscetíveis de satisfazer as necessidades psicológicas básicas e inerentes à vida humana a partir de objetivos intrínsecos, tais como alcançar um crescimento pessoal, possuir autonomia, ter relações satisfatórias com a família e amigos, melhorar o mundo com atitudes morais e sentir-se saudável (Kasser & Ryan 1996). Contrariamente, as aspirações extrínsecas expressam uma intenção para atingir um fim, dependem das reações dos outros, com o objetivo de ser rico e bem-sucedido, ser famoso, bem aparecido e admirado e ter uma aparência atrativa em termos de imagem (Kasser & Ryan, 1996). Todavia, estes objetivos extrínsecos não proporcionam satisfação interna, na medida em que o interesse pela atividade baseia-se no poder e no valor que pode derivar do alcance dessas metas, em oposição aos objetivos intrínsecos que são valiosos e transmitem satisfação para o indivíduo, sem estar dependente das avaliações dos outros (Kasser & Ryan, 1996). Um estudo realizado por Kasser e Ryan (1996) demonstrou que os objetivos extrínsecos estão associados ao baixo bem-estar e a maior angústia, em oposição aos objetivos intrínsecos que estão associados ao elevado bem-estar e a menos angústia. Os autores do estudo justificaram estes resultados apontando que as aspirações extrínsecas são um marcador de neuroticismo e insegurança emocional, bem como a baixa taxa de sucesso em atingir os objetivos extrínsecos pode contribuir para o baixo bem-estar e maior angústia. Para além disso, também os jovens com um nível socioeconómico baixo estão mais propensos a desejar a obtenção de riqueza como fazendo parte dos seus valores. Estes resultados sugerem que os objetivos extrínsecos, mesmo quando atingidos, são menos vantajosos que os objetivos intrínsecos, no entanto, embora o conteúdo destes dois objetivos de vida estejam associadas com a saúde psicológica e bem-estar, não significa que todas as metas sejam classificadas como intrínsecas ou extrínsecas.

De acordo com Gottfredson (1996, 2005) e Skorikov & Vondracek (2007), o desenvolvimento das aspirações de carreira ocorre através de um processo de circunscrição (eliminação progressiva das alternativas ocupacionais consideradas inadequadas) que se inicia na infância, em que no decurso da adolescência o jovem progride na formação da sua identidade vocacional para se preparar para futuras escolhas vocacionais, a partir da implementação do compromisso. Daí, as aspirações tenderem a tornar-se estáveis à medida que os adolescentes amadurecem, embora possam mudar ao longo do tempo (Rojewski, 2005). Esta influência das aspirações de carreira nas escolhas vocacionais, relacionam-se com o facto de as aspirações poderem “comunicar” a atração ou o interesse por

determinadas ocupações, na medida em que refletem a intensidade da atração. No entanto, não refletem com exatidão as ocupações que as pessoas na realidade esperam ingressar, mas sim as expectativas ocupacionais que refletem a probabilidade de as pessoas iniciarem uma determinada profissão (Rojewski, 2005). Por exemplo, se o adolescente apresentar baixas expectativas profissionais, é mais propenso a assumir um compromisso educacional ou de carreira prematuro o que, inevitavelmente, pode reduzir o leque de futuras opções educativas e profissionais (Rojewski, 2005). Esta associação pode ocorrer mediante alguns fatores, nomeadamente, pela fraca perceção de ter as habilidades necessárias para ter sucesso na ocupação que aspiram; pelo sentimento de que as condições de escolaridade exigidas estão acima das suas potencialidades atuais e, por último, pela discordância com família ou amigos acerca do que deve fazer profissionalmente (Rojewski, 2005). Estes fatores refletem que as aspirações dos jovens podem ficar comprometidas e desconsideradas num momento de tomada de decisão, no entanto, existem muitos fatores gerais que poderão também comprometer as aspirações de carreira, nomeadamente, o género, o nível de realização, a idade e, em particular, o tipo de ambiente escolar que experimentam e o tipo de atenção que recebem dos professores e do ambiente familiar (Watson, Quatman & Edler, 2007).

Neste sentido, um estudo realizado no âmbito das aspirações de carreira, apontou que as aspirações ocupacionais nos adolescentes são mais elevadas nas raparigas do que nos rapazes, na medida em que se encontram mais motivadas na escola e a alcançar melhores resultados académicos e a expectativa dos pais na participação da educação é mais elevada nas suas filhas do que nos seus filhos, apoiando assim o seu esforço. Ainda, as altas expectativas educacionais parentais tiveram uma influência significativa na formação da motivação académica dos seus educandos e nas suas aspirações ocupacionais. Por fim, os adolescentes do sexo feminino e masculino que vivem em situação de pobreza com os pais e que revelam ter pouco apoio no progresso educativo, foram mais propensos a desvincularem-se da educação (Schoon, Martin & Ross, 2007). Esta evidência sugere que a motivação escolar desempenha um papel fulcral nas aspirações de carreira, bem como as expectativas parentais e o nível socioeconómico familiar.

Outro estudo de investigação realizado com adolescentes entre os 14 anos e os 18 anos apontaram que o nível socioeconómico alto está significativamente associado com as expectativas altas dos pais e com uma menor probabilidade de incerteza nas aspirações de carreira aos 14 anos. No entanto, não há uma associação significativa entre o nível socioeconómico familiar e a capacidade de perceção das competências académicas e

motivação escolar. Por sua vez, maior desempenho acadêmico aos 11 anos está significativamente associado com as altas expectativas dos pais, com uma baixa probabilidade de incerteza nas aspirações de carreira, com uma alta percepção das competências escolares e com uma boa motivação escolar aos 14 anos (Gutman & Schoon, 2012). Estes resultados indicam que o nível socioeconômico familiar e o desempenho acadêmico dos adolescentes interferem positivamente com a capacidade de percepção das suas aspirações de carreira, relevando menos incerteza dos seus objetivos futuros de carreira.

Em resumo, as aspirações ocupacionais têm influência nas escolhas formativas dos jovens, na medida em que a partir das suas aspirações de carreira é possível conhecer os seus interesses por determinadas ocupações, direcionando-os para as metas de carreira e organização do comportamento vocacional. Para além disso, o desenvolvimento das aspirações de carreira são explicadas por uma combinação de variáveis psicológicas e fatores de origem ambiental e social que podem explicar as diferenças entre os adolescentes/adultos ao nível do seu percurso formativo. Porém, existem diversas teorias psicológicas que poderão explicar com mais intensidade o desenvolvimento das aspirações de carreira desde a infância.

1.3.2. Teorias Psicológicas Sociais: A Teoria da Circunscrição e do Compromisso da Carreira e a Teoria da Autodeterminação

O desenvolvimento, a expressão e a realização das aspirações ocupacionais e das expectativas vocacionais podem ser explicadas por diferentes teorias psicológicas (Rojewski, 2005), nomeadamente pela teoria da circunscrição e do compromisso da carreira e pela teoria da autodeterminação.

A teoria da circunscrição e do compromisso da carreira foi elaborada pela autora Linda Gottfredson em 1981 e revista em 1996, “como uma tentativa de explicar como as aspirações de carreira dos jovens refletem as desigualdades sociais entre os mais velhos” (Gottfredson, 1996, p. 181), no qual a autora interrogava-se acerca de algumas questões, nomeadamente, “*Porque é que pessoas de ambos os sexos, de diferentes raças e classes sociais tendem a ser diferentes, mesma na infância, no tipo e qualidade de emprego que desejam ter?*” (Gottfredson, 1996, p.179). A teoria emergiu no seguimento desta e de outras questões, na qual Gottfredson explica o desenvolvimento das aspirações de carreira a partir de uma perspetiva psicológica social (Rojewski, 2005).

A autora afirma que as aspirações iniciam-se e desenvolvem-se durante a infância resultado de um processo de circunscrição e de compromisso (Gottfredson, 1981). A circunscrição ocorre quando o adolescente, progressivamente, elimina as alternativas ocupacionais consideradas inadequadas para si, através de um processo de comparação entre o autoconceito (ao nível da aparência, inteligência, personalidade, género, interesses e valores) e as imagens que detém acerca das ocupações possíveis (ao nível dos traços de personalidade das pessoas que incluem certas ocupações, o tipo de atividades que fazem, as recompensas e as condições de trabalho) (Gottfredson, 1981, 1996). A partir desta comparação, o adolescente avalia o grau de compatibilidade entre os dois, sendo capaz de eliminar do *self* as ocupações que considera incompatíveis com a sua autoimagem e identifica aquelas que mais prefere, do qual resulta as aspirações idealistas (Gottfredson, 1996). Esta relação entre o *self* e o ocupação que o jovem avalia também se encontra presente na teoria do Holland já descrito, em termos da congruência entre a pessoa e o ambiente ocupacional.

Segundo Gottfredson (1996, 2005), esta avaliação resulta de um conjunto de quatro etapas que o jovem atravessa desde a infância, a saber: *orientation to size and power*, *orientation to sex roles*, *orientation to social valuation*, *orientation to the internal, unique self*. Na primeira etapa, de orientação para a força e poder (*orientation to size and power*), que ocorre entre os 3 anos e os 5 anos, as crianças começam a reconhecer as ocupações como fazendo parte dos papéis dos adultos e que no mundo do adulto há um trabalho, no qual também futuramente se tornarão adultos. Na segunda etapa, de orientação para o papel sexual (*orientation to sex roles*), que ocorre entre os 6 e os 8 anos, as crianças começam a reconhecer mais ocupações e a distinguir os adultos ao visualizarem determinados comportamentos e papéis, incluindo os de trabalho, como pertencentes a um sexo e não a outro, sendo que o trabalho é entendido em termos de papel de género. Na terceira etapa, de orientação para a avaliação social (*orientation to social valuation*), que ocorre entre os 9 e os 13 anos, as crianças reconhecem mais as ocupações tornando-se mais conscientes das hierarquias sociais, sendo capazes de “arrumar” as profissões, não só pelo género, mas também pelo nível de prestígio e valor social. Por fim, a quarta etapa, da orientação para um *self* singular (*orientation to the internal, unique self*), ocorre a partir dos 14 anos, na qual os adolescentes envolvem-se numa busca cada vez mais consciente das ocupações integrantes do seu espaço social e das ocupações que seriam para si mais gratificantes, ou seja, que seriam mais compatíveis com o *self*. Por sua vez, o crescimento cognitivo até então permitiu ao adolescente a capacidade de aprender as dimensões

abstratas, internas e os aspetos únicos das pessoas e das ocupações, nomeadamente os interesses, as competências e os valores praticados durante a realização dos diferentes trabalhos. Desta forma, eles são capazes de distinguir diferentes áreas de trabalho e sabem que as personalidades de trabalhador diferem de um campo para o outro. No entanto, apesar de muitos adolescentes ainda desconhecerem os seus interesses, competências e objetivos vocacionais, em parte porque muitos dos seus atributos pessoais vocacionais ainda não estão totalmente formados, se solicitado a maioria dos jovens idealiza e identifica uma escolha que seja mais favorecida e atraente para si. Mas, à medida que o adolescente desenvolve-se, também, em termos da sua perceção da realidade do mundo ocupacional, começa a identificar qual das escolhas aceitáveis é a mais preferida e acessível. Por exemplo, um jovem pode perceber que está mais atraído pelo trabalho artístico do que pelo trabalho social, o qual tinha considerado, mas pode começar a repensar sobre as suas novas preferências pelos trabalhos artísticos, tal como pode perceber que existe muita competição nessa área, comparativamente com o número reduzido de profissionais que aí trabalham. Esta consciência da realidade laboral permite que o jovem inicie desta forma o compromisso, é o processo pelo qual os jovens abandonam as suas alternativas preferidas para aquelas que considera mais acessíveis. Isto é, o compromisso ocorre quando os indivíduos encontram uma barreira na implementação das suas escolhas preferidas e, ao afastar-se dos seus ideais, ajustam as suas aspirações com a acessibilidade percebida das ocupações e optam por escolhas mais acessíveis, do qual resultam as aspirações realistas. Porém, ambos os tipos de aspiração tendem a alterar-se, à medida que o adolescente aprende como pode ser compatível e acessível diferentes ocupações. (Gottfredson, 1996).

A par deste processo de desenvolvimento das aspirações, Gottfredson afirma, então, que “as aspirações de carreira refletem o autoconceito ocupacional do indivíduo e são definidas como o conjunto de avaliações de compatibilidade e de acessibilidade” (Rojewski, 2005, p. 137). Em seguimento do desenvolvimento das aspirações, torna-se relevante compreender o que impulsiona o indivíduo a alcançar objetivos ou aspirações de vida, especialmente a partir de uma teoria - a teoria da autodeterminação.

A teoria da autodeterminação (*self-determination theory* - SDT), elaborada em 1981 pelos autores Richard M. Ryan e Edward L. Deci, “é uma teoria empiricamente baseada na motivação humana, desenvolvimento e bem-estar” (Deci & Ryan, 2008, p. 182), que aborda diferentes temas, como as necessidades psicológicas, as aspirações, a motivação, entre outros. É uma teoria que se concentra nas necessidades humanas inerentes/intrínsecas

ao ser humano, nomeadamente, as necessidades de competência, de relacionamento e de autonomia que exercem um papel fundamental na motivação, desempenho, persistência e criatividade nas ocupações que o sujeito se envolve. A necessidade de competência envolve a capacidade de alcançar vários resultados internos e externos e ser eficaz no desempenho das ações solicitadas. A necessidade de relacionamento diz respeito ao desenvolvimento de ligações seguras e satisfatórias com os outros num plano social e a necessidade de autonomia compreende a autoiniciativa e a autorregulação das suas próprias ações (Deci, Vallerand, Pelletier & Ryan, 1991).

É neste contexto que as aspirações surgem nesta teoria, entendidas como um conceito que é adquirido em função do grau em que as necessidades básicas de competência, relacionamento e autonomia são satisfeitas ou fracassadas ao longo do tempo (Deci & Ryan 2008). Isto é, quando as necessidades têm sido fracassadas, o indivíduo tende a adotar objetivos ou aspirações de vida extrínsecos, como por exemplo, objetivos de riqueza, fama, imagem, que resultam de uma diminuída satisfação das necessidades, mas que são procurados pelos indivíduos por compensar a satisfação verdadeira. Quando as necessidades são satisfeitas, o indivíduo tende a adotar objetivos ou aspirações de vida intrínsecos, como por exemplo, objetivos de crescimento pessoal, construção de relações significativas, sentimento pela comunidade, saúde, que emergem de um sentimento interno resultante da satisfação das necessidades (Deci & Ryan, 2008). Todavia, para que o sujeito tenha oportunidade de satisfazer as necessidades humanas é necessário que manifeste motivação, para que esta possa ser um estimulador (Deci, Vallerand, Pelletier & Ryan, 1991). Neste sentido, a motivação da mesma forma que permite contribuir para a satisfação das necessidades, também resulta da sua satisfação e, conseqüentemente, para o desenvolvimento dos objetivos ou aspirações de carreira.

A motivação é um conceito muito presente em muitas teorias psicológicas, nomeadamente, na teoria da autodeterminação, e manifesta-se quando alguém está com energia ou com a inspiração de agir para um determinado fim, seja por motivos intrínsecos ou extrínsecos (Ryan & Deci, 2000). Os comportamentos intrinsecamente motivados resultam da satisfação e do prazer derivados do seu desempenho porque o indivíduo considera que a atividade que está a desempenhar é interessante e agradável e não porque se sente pressionado ou está à espera de recompensas, não necessitando de incentivos externos para agir (Deci, Vallerand, Pelletier & Ryan, 1991; Ryan & Deci, 2000). Mas, nem todas as pessoas intrinsecamente motivadas se interessam por qualquer atividade, na medida em que “a motivação intrínseca existe na relação entre o indivíduo e a tarefa”, em

função de ser interessante, permitindo que através da manifestação dos seus próprios interesses, o indivíduo se desenvolva em termos de conhecimento e de competências (Ryan & Deci, 2000, p. 56). Contudo, esta motivação natural não é única maneira de impulsionar o indivíduo a agir. A motivação extrínseca é outro tipo de motivação que ativa o indivíduo a realizar uma determinada atividade, não pelo prazer da atividade em si mas com a finalidade de atingir algum resultado (Ryan & Deci, 2000), ou seja, o comportamento passa a ser regulado não por uma recompensa interna, mas por uma recompensa externa (Blustein, & Flum, 1999). Desta forma, o comportamento extrinsecamente motivado tende a estar associada a atividades consideradas importantes, em oposição às atividades consideradas intrinsecamente interessantes (Blustein, & Flum, 1999).

Para finalizar, tendo em conta que o interesse conduz à motivação, à luz do modelo da autodeterminação, vai permitir que a exploração dos diversos interesses seja intrinsecamente motivada e, conseqüentemente, que tenham acesso às desejadas opções ocupacionais, ou seja, ao que aspiram profissionalmente (Blustein & Flum, 1999).

1.3.3. Medidas de avaliação das aspirações vocacionais

Apesar de existirem críticas na literatura sobre a forma como as aspirações de carreira e expectativas são reconhecidas e avaliadas (Rojewski, 2005), a sua avaliação enquadra-se no estudo das aspirações a abordar no sistema educativo ou em consulta individual, constituindo um ingrediente fundamental na intervenção e na avaliação da orientação e aconselhamento vocacional.

A avaliação das aspirações de carreira tem como finalidade quantificar o nível de aspiração do indivíduo, que se reflete numa ocupação específica ou num número limitado de objetivos de trabalho (Rojewski, 2005). Das diferentes escalas existentes de avaliação das aspirações de carreira, destaca-se a escala *Aspirations Index*.

A escala *Aspirations Index* da autoria de Kasser and Ryan (1996) é um instrumento desenvolvido para avaliar as aspirações de vida dos sujeitos associados a objetivos intrínsecos de crescimento pessoal, relacionamentos significativos, contribuições para a comunidade e saúde e a objetivos extrínsecos de riqueza, fama e imagem. É uma escala que permite recolher informação acerca dos objetivos intrínsecos e extrínsecos de vida dos sujeitos em que, para cada objetivo, são solicitadas a referir o grau de importância desse objetivo para si, bem como o grau de probabilidade que tem de atingir esse objetivo no futuro e o grau em que já foi alcançado. Desta forma, com a aplicação deste instrumento é

possível analisar o grau de aspiração do sujeito e, conseqüentemente, os seus projetos de vida sendo um facilitador no aconselhamento de carreira.

Parte II: Estudo Empírico

Capítulo 2

Metodologia

2.1. Objetivos

Entendido que os interesses vocacionais e as aspirações vocacionais são dimensões psicológicas consideradas importantes na avaliação em orientação escolar e profissional em contexto escolar para todos os alunos do 3º ciclo, considerou-se investigar se os alunos de tipos de ensino diferentes (turmas de ensino regular e turmas de cursos de educação e formação) distinguem-se ao nível das suas preferências vocacionais e das suas aspirações vocacionais.

Assim, com base nos fundamentos teóricos apresentados, foi possível definir o objetivo geral do estudo: comparar as aspirações vocacionais e os interesses vocacionais entre alunos de turmas de Cursos de Educação e Formação e turmas de ensino regular.

A partir do objetivo geral, definiu-se os seguintes objetivos específicos:

1. Descrever e caracterizar interesses vocacionais e aspirações vocacionais de alunos do 3.º ciclo do ensino básico;
2. Comparar os resultados nos interesses vocacionais e nas aspirações vocacionais em função do tipo de ensino (turmas do ensino regular e turmas de Curso de Educação e Formação), do género e do nível socioeconómico familiar;
3. Analisar as relações entre os interesses vocacionais e as aspirações vocacionais em função do tipo de ensino.

Quanto ao *design* do estudo e tendo em conta os objetivos de investigação, o presente estudo é descritivo e correlacional dado que a análise dos dados incide na descrição dos resultados da amostra e na associação entre as variáveis, expressa por um coeficiente de correlação.

Quanto às variáveis, consideram-se dois grupos de variáveis psicológicas, designadamente as variáveis dos interesses vocacionais e as variáveis das aspirações vocacionais. A variável dos interesses vocacionais foi avaliada tendo em consideração os seis tipos de personalidade de Holland: Realista, Investigador, Artístico, Social, Empreendedor e Convencional. Na variável das aspirações vocacionais, considerou-se as

dimensões: riqueza, crescimento, fama, relacionamentos, imagem, comunidade e saúde, que integram a escala Índice de Aspirações, que apresentamos mais à frente.

2.2. Participantes

A população alvo deste estudo são os alunos do 9.º ano de escolaridade que frequentam as turmas de ensino regular (5 turmas) e as três turmas dos Cursos de Educação e Formação (curso de Eletricidade, curso de Ação Educativa e curso de Informática) do Agrupamento Vertical de Escolas Professor José Buísel. A amostra é constituída por 160 adolescentes que estão a participar num Programa de Orientação Escolar e Profissional no ano letivo de 2011/2012. Destes, 97 (60.6%) sujeitos são do sexo feminino e 63 (39.4%) são do sexo masculino e apresentam uma média de idade de 15.18 (DP=1.10) anos e uma idade mínima de 14 anos e máxima de 18 anos de idade.

Quanto à nacionalidade, 116 (72.5%) sujeitos são de origem portuguesa e os restantes 25 (15.6%) são de origem leste, africana e américa latina

Os agregados familiares dos participantes são constituídos em média por 2,69 (DP=.91) pessoas e o número varia entre 1 a 5 pessoas. A média da idade da mãe é de 43,11 (DP=5.61) anos e as idades variam entre 34 e 62 anos. A média de idade do pai é de 45,64 (DP=6.08) anos e as idades variam entre 35 e 63 anos.

Quanto ao grau de habilitações académicas, referente à mãe, 41 (25.6%) participantes referiram ter o 12ºano, 31 (19.4%) mencionaram ter o 9ºano, 25 (15.6%) o ensino superior, 14 (8.8 %) o 4ºano, 9 (5.6%) o 6ºano, 8 (5.0%) dizem não ter concluído o 1ºciclo e apenas 3 (1.9%) afirmaram não ter escolaridade. Em relação ao pai, 39 (24.4%) participantes disseram ter o 12ºano, 27 (16.9%) mencionaram ter o 9ºano, 14 (8.8%) o ensino superior, 15 (9.4%) o 4ºano, 6 (3.8%) o 6ºano e apenas 5 (3.1%) participantes disseram não ter a escolaridade e 3 (1.9%) disseram que não conclui o 1ºciclo.

Em relação ao nível socioeconómico, da combinação da profissão e habilitações do agregado familiar dos participantes em estudo, pode observar-se que predominam os participantes inseridos em agregados familiares de nível socioeconómico *baixo* (74 alunos, 46.3%), a que se seguem 42 (26.3%) participantes que se enquadram no nível socioeconómico *médio* e os restantes 8 (5%) no nível socioeconómico *elevado*.

Em termos do prosseguimento de estudos após o 9ºano, 48 (30%) participantes referiram querer integrar o ensino secundário, 47 (29.4%) expressaram vontade em integrar

o ensino profissional, 15 (9.4%) manifestaram intenção em integrar o ensino superior e apenas 7 (4.4%) participantes não expressaram intenção em continuar os estudos.

Em relação à área a prosseguir, os participantes que pretendem ingressar no ensino secundário regular distribuem-se do seguinte modo: 14 (8.8%) querem integrar o curso de Ciências e Tecnologias, 8 (5%) querem integrar o curso de Línguas e Humanidades, 5 (3.1%) pretendem integrar o curso de Artes Visuais e apenas 1 (0,6%) participante pretende entrar no curso de Ciências Socioeconómicas.

Os sujeitos que tencionam ingressar no ensino profissional distribuem-se do seguinte modo: 6 (3.8%) pretendem seguir o curso de acompanhamento de crianças, 6 (3.8%) ambicionam seguir a área de informática, 4 (2.5%) o curso de estética, 2 (1.3%) o curso de cozinha/pastelaria, de salvamento aquático e gestão. Em relação aos restantes participantes, apenas 1 (.6%) participante pretende seguir auxiliar de saúde, contabilidade, animação e mecânica.

2.3. Instrumentos

No processo de seleção dos instrumentos e das suas condições de utilização para avaliar as diversas variáveis em estudo teve-se em consideração o significado teórico dos mesmos e procedeu-se à respetiva recolha de informação.

Deste modo, com a preocupação de articular o objeto da investigação com os princípios teóricos inerentes à investigação, selecionaram-se para o estudo dois instrumentos de avaliação psicológica, cada um deles destinado à avaliação de uma das dimensões psicológicas em análise no presente estudo. Para o estudo dos interesses vocacionais dos alunos, utilizou-se o “Inventário de Interesses Vocacionais” e para a avaliação das aspirações vocacionais a Escala “Índice de Aspirações”.

Para além dos instrumentos acabados de mencionar, para a caracterização da amostra, foi utilizado um “Questionário de Dados Biográficos”, especificamente construído para o presente estudo.

A seguir passar-se-á a descrever em detalhe, a finalidade, características e propriedades psicométricas de cada instrumento utilizado para avaliar as variáveis em estudo. Para além disso, proceder-se-á à análise da consistência interna, através do cálculo do coeficiente de alfa de *Cronbach* de cada escala ou instrumento.

2.3.1 Questionário de Dados Demográficos

O Questionário para recolha de dados biográficos que se elaborou teve em consideração a diferenciação dos grupos quanto a sexo, idade, nacionalidade, tipologia do ensino e respetiva área de formação e constituição do agregado familiar, assim como as aspirações do aluno a nível de prosseguimento de estudos após finalizar o 9º ano de escolaridade.

O *Questionário de Dados Biográficos* serviu de instrumento de recolha de dados para efeitos de conhecimento e caracterização da amostra e é constituído por sete itens que proporcionam a recolha de informação sobre dados pessoais do aluno, nomeadamente, quanto ao nome, à idade, sexo, nacionalidade, tipo de ensino que frequenta e composição do agregado familiar, e um último item com intenção de conhecer as aspirações vocacionais do aluno após terminar o 9.º ano de escolaridade.

2.3.2. Inventário de Interesses Vocacionais

Joaquim Armando Ferreira (1991) elaborou o Inventário de Interesses Vocacionais tendo por enquadramento conceptual a teoria das personalidades vocacionais e dos ambientais profissionais de John Holland (Ferreira & Hood, 1995).

É um instrumento de avaliação dos interesses vocacionais utilizado nas práticas de aconselhamento de carreira e originalmente desenvolvido e validado para a população portuguesa (Leitão & Miguel, 2004). É uma medida simples com 174 itens que fornece resultados de acordo com os seis tipos de personalidade propostos por Holland: Realista (R), Investigador (I) Artístico (A), Social (S), Empreendedor (E) e Convencional (C).

Os diversos itens que integram o inventário de interesses descrevem uma lista de atividades profissionais, com o qual é pedido ao sujeito que tente determinar os seus sentimentos em relação a cada atividade, mesmo que não esteja familiarizado com algumas, devendo assinalar as atividades que gosta ou gostaria de fazer, atividades que lhe são indiferentes e atividades que não gosta ou não gostaria de fazer.

Sendo um instrumento com base na teoria do Holland, os itens encontram-se associadas a cada tipo de personalidade já mencionados, pelo que existem 29 itens diretamente conotados para cada um dos tipos. Os indivíduos assim podem ser caracterizados em função do seu grau de semelhança com os seis tipos de personalidade (Ferreira, 1991).

Assim, os itens do inventário que avalia os interesses *Realistas* descrevem atividades objetivas, práticas, ordenadas, de natureza física ou mecânica, como por exemplo, a

manipulação de objetos, ferramentas, máquinas ou animais. Na escala que avalia os interesses *Investigador* são descritas atividades intelectuais e abstratas que requerem respostas pensadas com valor científico. Já em relação aos itens que avaliam os interesses *Artísticos* são apresentadas atividades de cariz musical, artístico, literário ou dramático com recurso à criatividade e à interpretação. Em relação à escala dos interesses *Sociais*, são mencionadas tarefas relacionadas com o desenvolvimento dos outros e de assistência ao outro, como por exemplo, o ensino e a ajuda terapêutica. Nos itens da escala que avaliam os interesses *Empreendedor* são descritas atividades relacionadas com a liderança e manipulação de pessoas que exigem uma maior aptidão verbal e capacidade de persuasão. Por fim, na escala que avalia os interesses *Convencional* são referenciadas atividades sistemáticas e de manipulação de dados que exigem aptidões matemáticas e de secretariado (Hood & Ferreira, 1993).

Relativamente à confiabilidade do instrumento dos diversos itens, foram calculados os coeficientes de fidelidade (alfa *Cronbach*) para cada uma das escalas. Conforme se pode verificar na tabela 1.1 os valores de alfa da versão original variaram entre 0.88 e 0.92 (Hood & Ferreira, 1995) e os valores da versão original no estudo atual variaram entre 0.89 e 0.93. Estes valores da versão original e do estudo atual indicam que a fiabilidade da escala é boa.

Tabela 2.1 Coeficientes de consistência interna (alfa de *Cronbach*) nas escalas do Inventário de Interesses vocacionais na versão original e no estudo atual.

Escalas	IIV	IIV
	Ferreira & Hood (1995)	Estudo Atual
Realista	0.88	0.93
Investigador	0.89	0.93
Artístico	0.92	0.92
Social	0.88	0.89
Empreendedor	0.92	0.92
Convencional	0.92	0.93

2.3.3 Índice de Aspirações (*Aspirations Index*)

Elaborada por Kasser and Ryan (1996) a escala *Aspirations Index* é um instrumento desenvolvido para avaliar as aspirações intrínsecas e extrínsecas. É composto por 32 itens,

em que para cada um dos itens existe três possibilidades de resposta: a) “Qual a importância desse objetivo para si?” b) “Qual a probabilidade que tem de atingir esse objetivo no futuro?” e c) “Qual o grau em que cada objetivo já foi alcançado?”. Os itens da escala referem-se a sete categorias de aspirações intrínsecas de crescimento pessoal, relacionamentos significativos, contribuições para a comunidade e saúde e de aspirações extrínsecas de riqueza, fama e imagem.

Em cada categoria de aspiração estão associados cinco objetivos de vida. Assim, os itens da escala que avaliam o *crescimento pessoal* referem-se a objetivos de crescimento psicológico e de autonomia. Nos itens referentes às *relações significativas*, são descritos objetivos de estabelecimento de relações satisfatórias com família e amigos. Já em relação à escala *comunidade*, os itens correspondentes expressam objetivos de melhoria do mundo através de ações com generosidade. Nos itens referentes à *saúde*, são mencionados objetivos de sentimento de estar saudável e livre de doenças. Nos itens referentes à *riqueza* são expressos objetivos de ser rico e bem-sucedido materialmente. Nos itens referentes à *fama*, são manifestados objetivos de ser famoso, bem-conhecido e admirado. Por fim, na escala *imagem* são referidos objetivos de ter uma aparência atrativa em termos de corpo, vestuário, moda (Kasser & Ryan, 1996).

A versão adaptada da escala (Cabral, 2011), denominada Índice de Aspirações, utilizada na presente investigação, é composta por 35 itens classificados numa escala resposta tipo *likert* com 7 níveis: 1, 2, 3 = *nada*, 4, 5 = *moderadamente*, 6, 7 = *muito*. Os itens são apenas representados por duas possibilidades de resposta para cada objetivo (a importância e a probabilidade de concretização), nos quais os sujeitos são avaliados igualmente nas 7 categorias de aspirações já mencionadas.

Relativamente à fiabilidade da escala adaptada, como se pode verificar na tabela 1.2, os valores de alfa de *Cronbach* variaram entre 0.72 e 0.83 para a dimensão *Importância* e para a dimensão *Probabilidade* os valores de alfa variaram entre 0.69 e 0.83. Em relação à fiabilidade da escala adaptada no estudo atual, verifica-se que os valores variaram entre 0.72 e 0.89 para a dimensão *Importância* e para a dimensão *Probabilidade* variaram entre 0.74 e 0.87. Estes valores da versão adaptada e do estudo atual indicam que a fiabilidade da escala é boa.

Tabela 2.2 Coeficientes de consistência interna (alfa de *Cronbach*) da Escala “Índices de Aspirações” na versão adaptada e no estudo atual

Categorias	Versão adaptada		Estudo atual	
	Dimensões		Dimensões	
	Importância	Probabilidade	Importância	Probabilidade
Riqueza	0.80	0.75	0,83	0,84
Imagem	0.76	0.73	0,72	0,76
Fama	0.81	0.78	0,89	0,87
Crescimento Pessoal	0.77	0.69	0,76	0,74
Comunidade	0.83	0.82	0,88	0,85
Relacionamento	0.72	0.70	0,82	0,82
Saúde	0.82	0.83	0,83	0,86

2.4. Procedimento

Considerando o intuito em incluir no estudo uma amostra de alunos do 9.º ano de escolaridade inseridos em turmas do ensino regular e em turmas de cursos de educação e formação (CEF), solicitou-se, previamente, através de uma carta à direção do agrupamento da escola, autorização para a recolha de dados para a investigação. A escolha do agrupamento deveu-se ao facto de ter sido o local de estágio curricular. Assim, foi acordada uma entrevista, no sentido de ser possível explicar o âmbito e os objetivos da presente investigação, fornecer alguns esclarecimentos sobre a tipologia dos instrumentos, bem como da natureza da participação dos alunos. Obtida a devida autorização prévia, por parte da diretora do conselho executivo, foi definido o período da aplicação dos instrumentos.

Os instrumentos foram aplicados em tempo letivo, sendo a sua administração coletiva durante um período de tempo idêntico para todos os participantes. Um dos questionários já estava integrado no programa de orientação escolar e profissional, tendo sido aplicado nas sessões destinadas ao domínio da orientação vocacional. A aplicação do outro questionário já necessitou da colaboração de alguns docentes das turmas, uma vez que as respostas foram recolhidas em sala de aula.

No momento da aplicação dos instrumentos, os alunos foram esclarecidos acerca dos objetivos da investigação e da possibilidade de terem acesso a toda a informação posteriormente, bem como ao resultado final do estudo, sendo a sua participação voluntária e anónima. A adesão dos alunos foi bastante satisfatória, assim como foi bastante crucial para continuação da investigação a colaboração dos docentes e a disponibilidade do órgão de gestão.

Para a análise descritiva das amostras em estudo, calculou-se a média, o desvio-padrão e os valores mínimos e máximos em função das variáveis de escala, nomeadamente a idade, o número de elementos do agregado familiar, a idade da mãe e idade do pai e das variáveis nominais, nomeadamente o sexo, a nacionalidade, as habilitações da mãe e do pai, o nível socioeconómico do agregado familiar, o tipo de ensino, o nome do curso, prosseguir estudos e a área a prosseguir.

Capítulo 3

Apresentação dos resultados

Após termos abordado as principais questões metodológicas no capítulo anterior, nomeadamente, a definição de objetivos gerais e específicos da investigação, a descrição das amostras e a natureza dos instrumentos utilizados, é chegado o momento de apresentar os resultados obtidos, procurando corresponder com os objetivos formulados. Seguir-se-á a ordem pela qual as variáveis foram abordadas no capítulo 1: as variáveis dos interesses vocacionais e as variáveis das aspirações vocacionais.

Num primeiro momento apresentam-se as estatísticas descritivas com medidas de tendência central e medidas de dispersão para cada uma das variáveis abordadas. Num segundo momento são apresentadas as estatísticas bivariadas que incluem, num primeiro nível, as diferenças entre as variáveis em estudo em função do tipo de ensino, do género e do nível socioeconómico e, num segundo nível, as medidas de correlação.

3.1. Estatística descritiva

Para a análise descritiva dos resultados obtidos nas diversas variáveis em estudo, calculámos a média, o desvio-padrão e os valores mínimos e máximos obtidos em cada variável, que passamos a apresentar.

Conforme se pode verificar na tabela 3.1, o valor mais elevado da média encontra-se na escala que avalia os interesses de natureza *Social* (M=61.81; DP=10.20), seguido de *Artístico* (M=59.81; DP=12.79) e *Investigador* (M=56.62; DP=13.43), e os valores mais baixos são obtidos nas escalas *Empreendedor* (M= 54.75; DP=11.65), *Realista* (M= 49.08; DP=12.49) e *Convencional* (M=47.70; DP= 11.89). Considerando que a variabilidade teórica de cada escala do inventário varia entre 29 e 87 pontos, podemos observar que os resultados obtidos tendem a cobrir a amplitude teórica em todas as variáveis, atingindo o valor mínimo possível nas escalas de interesses realistas, de interesses investigadores e de interesses convencionais, Por outro lado, o valor máximo teórico não é alcançado em nenhuma das medidas.

Tabela 3.1 Estatística descritiva dos resultados da amostra obtidos nas variáveis de interesses vocacionais

Variáveis	Média	DP	Mínimo	Máximo
Realista	49.08	12.49	29	82
Investigador	56.62	13.43	29	83
Artístico	59.81	12.79	30	85
Social	61.81	10.20	31	83
Empreendedor	54.75	11.65	32	84
Convencional	47.70	11.89	29	78

Tabela 3.2 Estatística descritiva dos resultados da amostra obtidos nas variáveis de aspirações vocacionais na dimensão da Importância para si

Variáveis	Média	DP	Mínimo	Máximo
Riqueza	5.08	.97	2.00	7.00
Crescimento Pessoal	6.18	.74	3.00	7.00
Fama	4.51	1.35	1.00	7.00
Relacionamentos	6.19	.84	2.00	7.00
Imagem	4.71	1.13	2.00	7.00
Comunidade	5.65	1.03	1.40	7.00
Saúde	6.28	.79	3.20	7.00

Como se pode verificar na tabela 3.2 o valor mais elevado da média encontra-se na escala que avalia a aspiração *Saúde* (M=6.28; DP=.79), seguido de *Relacionamentos* (M=6.19; DP=.84), *Crescimento Pessoal* (M=6.18; DP=.74), *Comunidade* (M=5.65; DP=1.03) e *Riqueza* (M=5.08; DP=.97). Os valores mais baixos são obtidos nas escalas *Imagem* (M= 4.71; DP=1.13) e *Fama* (M= 4.51; DP=1.35). Considerando que a variabilidade teórica de cada escala do instrumento varia entre 1 e 7 pontos, podemos observar que os resultados obtidos tendem a cobrir a amplitude teórica em todas as variáveis, atingindo o valor mínimo possível na escala de aspirações fama e o valor máximo teórico em todas as medidas.

Tabela 3.3 Estatística descritiva dos resultados da amostra obtidos nas variáveis de aspirações vocacionais na dimensão da Probabilidade de alcançar

Variáveis	Média	DP	Mínimo	Máximo
Riqueza	4.61	.94	1.60	6.60
Crescimento Pessoal	5.64	.85	1.00	7.00
Fama	4.05	1.23	1.00	7.00
Relacionamentos	5.62	1.00	1.00	7.00
Imagem	4.37	1.09	1.00	6.80
Comunidade	5.19	1.10	1.00	7.00
Saúde	5.64	1.02	7.00	7.00

Como se pode verificar na tabela 3.3 o valor mais elevado da média encontra-se na escala que avalia a aspiração *Saúde* (M=5.64; DP=1.02) e *Crescimento Pessoal* (M=5.64; DP=.85), seguido de *Relacionamentos* (M=5.62; DP=1.00) e *Comunidade* (M=5.19; DP=1.10). Os valores mais baixos são obtidos nas escalas *Riqueza* (M= 4.61; DP=.94), *Imagem* (M=4.37; DP=1.09) e *Fama* (M=4.05; DP=1.23). Considerando que a variabilidade teórica de cada escala do instrumento varia entre 1 e 7 pontos, podemos observar que os resultados obtidos tendem a cobrir a amplitude teórica em todas as variáveis, atingindo o valor mínimo possível nas escalas de aspirações crescimento pessoal, de aspirações fama, de aspirações relacionamentos, de aspirações imagem e de aspirações comunidade e o valor máximo teórico nas escalas de aspirações crescimento pessoal, de aspirações fama, de aspirações relacionamentos, de aspirações comunidade e de aspirações saúde.

3.2 Estatísticas bivariadas

Após a análise descritiva das variáveis em estudo, irão ser descritos os cálculos da estatística bivariada que serão apresentados em duas etapas. Primeiro, far-se-á a análise da variância dos resultados das escalas dos interesses vocacionais e das aspirações vocacionais em função do tipo de ensino, em seguida, do género e, posteriormente, do nível socioeconómico; depois, na segunda etapa apresentar-se-ão as intercorrelações entre as diversas variáveis em estudo.

Para a análise da diferença entre grupos nas diversas variáveis em estudo, calculámos a média, o desvio-padrão, a estatística de teste, o valor *p* obtidos em cada variável, apresentados nas tabelas seguintes.

3.2.1 Diferenças entre as variáveis dos interesses vocacionais em função do tipo de ensino

Nas tabelas a seguir serão apresentados a média, o desvio-padrão e a análise da variância dos resultados na amostra nas variáveis dos interesses vocacionais em função do tipo de ensino.

Tabela 3.4 – Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados *t-Student* nas escalas utilizadas para medir as variáveis de interesses vocacionais em função do tipo de ensino

Amostras	Tipo de ensino		<i>t</i>	<i>p</i>
	Regular (n=115)	CEF (n=45)		
Variáveis	M (DP)	M (DP)		
Realista	46.89(11.71)	54.88(12.78)	-3.717	.000
Investigador	57.22(13.59)	55.09(13.08)	.892	.374
Artístico	59.19(12.50)	61.41(13.56)	-.973	.332
Social	62.13(9.71)	60.98(11.48)	.631	.529
Empreendedor	54.32(11.83)	55.89(11.24)	-.756	.451
Convencional	47.07(11.22)	49.37(13.51)	-1.080	.282

Na análise de resultados nas medidas dos interesses vocacionais nas amostras, turmas de ensino regular (n=115) e turmas dos CEF (n=45), apresentados na tabela 3.4, observa-se uma homogeneidade dos resultados obtidos pelos alunos. Os valores mais altos revelam-se nas escalas *Social* e *Artístico*, enquanto os valores mais baixos registam-se na escala *Realista* e *Convencional*. Especificamente, nos participantes das turmas de ensino regular a escala *Social* apresenta os valores mais elevados com 62.13 (DP=9.71), enquanto que nos participantes das turmas dos CEF a escala que avalia os interesses *Artísticos* é a que mais se destaca com 61.41 (DP=13.56). A este resultado poderá estar associado o facto de ser neste grupo de alunos que está presente a componente de formação tecnológica, cujas as disciplinas constituem unidades específicas de qualificação associadas ao curso em questão. Observa-se ainda que a média mais baixa nas amostras de turmas de ensino regular é obtida na escala *Realista*, com 46.89 (DP=11.71), sendo que a média mais baixa nas amostras das turmas dos CEF observa-se na escala *Convencional* com 49.37 (DP=13.51).

Quanto às seguintes posições, observa-se que a escala que avalia os interesses *Artísticos* aparece na segunda posição mais elevada com 59.19 (DP=12.50) nos alunos das

turmas de ensino regular, seguido da escala que avalia os interesses *Investigador*, com o terceiro resultado mais elevado com 57.22 (DP=13.59). Nos participantes das turmas dos CEF, a escala *Social* aparece na segunda posição mais elevada com 60.98 (DP=11.48), seguido da escala *Empreendedor* com o terceiro valor mais elevado (M=55.89; DP=11.24).

Nas restantes posições, verifica-se que a escala que avalia os interesses *Empreendedor* aparece na terceira posição mais baixa (M=54.32; DP=11.83) nos participantes das turmas de ensino regular, enquanto que nos participantes das turmas dos CEF, esta posição é ocupada pela escala que avalia os interesses *Investigador* (M=55.09; DP=13.08). Por fim, a segunda posição mais baixa aparece na escala *Convencional* (M=47.07; DP=11.22) nos alunos das turmas de ensino regular, no entanto, esta posição é ocupada pela escala *Realista* (M=54.88; DP=12.78) nos alunos das turmas dos CEF.

A análise da variância dos escores obtidos nas variáveis dos interesses vocacionais em função do tipo de ensino, com recurso ao *Teste-t*, revela a existência de uma diferença estatisticamente significativa, ao nível de $p < 0.05$ na escala *realista* ($t = -3.717$; $p = .000$), indicando que os alunos dos cursos CEF apresentam gostar mais de atividades objetivas, práticas, ordenadas, de natureza física ou mecânica, como por exemplo, a manipulação de objetos, ferramentas, máquinas ou animais, em comparação com os alunos da turma do ensino regular.

Nas restantes escalas não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, nomeadamente na escala *Investigador* ($t = .892$; $p = .374$), *Artístico* ($t = -.973$; $p = .332$), bem como na escala *Social* ($t = .631$; $p = .529$), *Empreendedor* ($t = -.756$; $p = .451$) e, por último, na escala *Convencional* ($t = -1.080$; $p = .282$).

3.2.2 Diferenças entre as variáveis de aspirações vocacionais (Importância/ Probabilidade) em função do tipo de ensino

Nas tabelas a seguir serão apresentados a média, o desvio-padrão e a análise da variância dos resultados na amostra nas variáveis de aspirações vocacionais (na dimensão Importância para si e na dimensão Probabilidade de alcançar) em função do tipo de ensino.

Na análise de resultados nas medidas das aspirações vocacionais, relativas à dimensão importância para si nas amostras, turmas de ensino regular (n=115) e turmas dos CEF (n=45), apresentados na tabela 3.5, observa-se igualmente uma homogeneidade dos resultados obtidos pelos alunos. Os valores mais altos revelam-se na escala *Saúde* e os

valores mais baixos registam-se na escala *Fama*. Especificamente, nos participantes das turmas de ensino regular a escala *Saúde* apresenta os valores mais elevados com 6.30 (DP=.79) e nos participantes das turmas dos CEF com 6.23 (DP=.82). Relativamente aos valores mais baixos, a média mais baixa nas amostras de turmas de ensino regular é obtida na escala *Fama* com 4.44 (DP=1.43), e nas turmas dos CEF com 4.78 (DP=1.04).

Tabela 3.5 – Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados *t-Student* nas variáveis de aspirações vocacionais na dimensão Importância para si em função do tipo de ensino

Amostras	Tipo de ensino		<i>t</i>	<i>P</i>
	Regular (n=115)	CEF (n=45)		
Variáveis	M (DP)	M (DP)		
Riqueza	5.09(.95)	5.08(1.08)	.056	.956
Crescimento Pessoal	6.24(.72)	6.00(.81)	1.615	.109
Fama	4.44(1.43)	4.78(1.04)	-1.525	.132
Relacionamentos	6.19(.86)	6.18(.78)	.114	.909
Imagem	4.66(1.20)	4.90(.90)	-1.219	.227
Comunidade	5.64(1.05)	5.72(.98)	-.352	.725
Saúde	6.30(.79)	6.23(.82)	.456	.649

Quanto às seguintes posições, observa-se que a escala que avalia as aspirações *crescimento pessoal* aparece na segunda posição mais elevada com 6.24 (DP=.72) nos alunos das turmas de ensino regular, seguido da escala que avalia os *Relacionamentos*, com o terceiro resultado mais elevado com 6.19 (DP=.86). Nos participantes das turmas dos CEF, a escala *Relacionamentos* aparece na segunda posição mais elevada com 6.18 (DP=.78), seguido da escala *Crescimento Pessoal* com o terceiro valor mais elevado (M=6.00; DP=.81).

Nas restantes posições, verifica-se que a escala que avalia as aspirações *Riqueza* aparece na terceira posição mais baixa nos participantes das turmas de ensino regular (M=5.09; DP=.95) e nos participantes das turmas dos CEF (M=5.08; DP=1.08). Por fim, a segunda posição mais baixa aparece na escala *Imagem* nos alunos das turmas de ensino regular (M=4.66; DP=1.20) e nos alunos das turmas dos CEF (M=4.90; DP=.90).

A análise da variância dos escores obtidos nas variáveis das aspirações vocacionais (Importância para si) em função do tipo de ensino, com recurso ao *Teste-t*, não revela a

existência de diferenças estatisticamente significativas, ao nível de $p < 0.05$, entre os alunos das turmas de ensino regular e os dos CEF em relação à importância das aspirações para si. Assim, nesta análise aponta-se os seguintes resultados, na escala *Riqueza* ($t = .056$; $p = .956$), *Crescimento Pessoal* ($t = 1.615$; $p = .109$), bem como na escala *Fama* ($t = -1.525$; $p = .132$), *Relacionamentos* ($t = .114$; $p = .909$), na escala *Imagem* ($t = -1.219$; $p = .227$), na escala *Comunidade* ($t = -.352$; $p = .725$) e, por último, na escala *Saúde* ($t = .456$; $p = .649$).

Tabela 3.6 – Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados *t-Student* nas variáveis de aspirações vocacionais na dimensão Probabilidade de alcançar em função do tipo de ensino

Amostras	Tipo de ensino		<i>t</i>	<i>P</i>
	Regular (n=115)	CEF (n=45)		
Variáveis	M (DP)	M (DP)		
Riqueza	4.58(.92)	4.72(1.04)	-.739	.461
CrescimentoPessoal	5.69(.72)	5.53(1.21)	.683	.499
Fama	3.96(1.27)	4.36(1.07)	-1.610	.110
Relacionamentos	5.61(.98)	5.64(1.12)	-.111	.912
Imagem	4.33(1.12)	4.53(1.01)	-.897	.371
Comunidade	5.21(1.05)	5.13(1.27)	.398	.691
Saúde	5.66(.95)	5.60(1.27)	.277	.782

Na análise de resultados nas medidas das aspirações vocacionais, relativas à dimensão probabilidade de alcançar, nas amostras, turmas de ensino regular (n=115) e turmas dos CEF (n=45), apresentados na tabela 3.6, observa-se igualmente uma homogeneidade dos resultados obtidos pelos alunos. Os valores mais altos revelam-se na escala *Crescimento Pessoal* e na escala *Relacionamentos* e os valores mais baixos registam-se na escala *Fama*. Especificamente, nos participantes das turmas de ensino regular a escala *Crescimento Pessoal* apresenta os valores mais elevados com 5.69 (DP=.72) e nos participantes das turmas dos CEF a escala *Relacionamentos* com 5.64 (DP=1.12). Relativamente aos valores mais baixos, a média mais baixa nas amostras de turmas de ensino regular é obtida na escala *Fama* com 3.96 (DP=1.27) e nas turmas dos CEF com 4.36 (DP=1.07).

Quanto às seguintes posições, observa-se que a escala que avalia as aspirações *saúde* aparece na segunda posição mais elevada com 5.66 (DP=.95) nos alunos das turmas de ensino regular, seguido da escala que avalia os *Relacionamentos*, com o terceiro resultado mais elevado com 5.61 (DP=.98). Nos participantes das turmas dos CEF, a escala *Saúde*

aparece também na segunda posição mais elevada com 5.60 (DP=1.27), seguido da escala *Crescimento Pessoal* com o terceiro valor mais elevado (M=5.53; DP=1.21).

Nas restantes posições, verifica-se que a escala que avalia as aspirações *Riqueza* aparece na terceira posição mais baixa nos participantes das turmas de ensino regular (M=4.58; DP=.92) e nos participantes das turmas dos CEF (M=4.72; DP=1.04). Por fim, a segunda posição mais baixa aparece na escala *Imagem* nos alunos das turmas de ensino regular (M=4.33; DP=1.12) e nos alunos das turmas dos CEF (M=4.53; DP=1.01).

A análise da variância dos escores obtidos nas variáveis das aspirações vocacionais (probabilidade de alcançar) em função do tipo de ensino, com recurso ao *Teste-t*, não revela a existência de diferenças estatisticamente significativas, ao nível de $p < 0.05$, indicando que não há diferenças entre os alunos das turmas de ensino regular e dos CEF em relação à probabilidade de alcançar as aspirações. Assim, nesta análise aponta-se os seguintes resultados, na escala *Riqueza* ($t = -.739$; $p = .461$), *Crescimento Pessoal* ($t = .683$; $p = .499$), bem como na escala *Fama* ($t = -1.610$; $p = .110$), *Relacionamentos* ($t = -.111$; $p = .912$), na escala *Imagem* ($t = -.897$; $p = .371$), na escala *Comunidade* ($t = .398$; $p = .691$) e, por último, na escala *Saúde* ($t = .277$; $p = .782$).

3.2.3. Diferenças entre as variáveis de interesses vocacionais em função do género

Nas tabelas a seguir serão apresentados a média, o desvio-padrão e a análise da variância dos resultados na amostra nas variáveis de interesses vocacionais em função do género.

Na análise de resultados nas medidas dos interesses vocacionais em função do sexo feminino (n=97) e sexo masculino (n=63), apresentados na tabela 3.7, observa-se igualmente uma homogeneidade dos resultados obtidos pelos alunos. Os valores mais altos revelam-se nas escalas *Social* e *Investigador*, enquanto os valores mais baixos registam-se na escala *Realista* e *Convencional*. Especificamente, no sexo feminino a escala *Social* apresenta os valores mais elevados com 65.28 (DP=8.25), enquanto que no sexo masculino a escala que avalia os interesses *Investigador* é a que mais se destaca com 56.74 (DP=15.06). Relativamente aos valores mais baixos, observa-se que a média mais baixa no sexo feminino é obtida na escala *Realista*, com 45.65 (DP=10.62) e a média mais baixa no sexo masculino observa-se na escala *Convencional* com 47.36 (DP=12.90).

Tabela 3.7 – Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados *t-Student* nos interesses vocacionais em função do género

Amostras	Género		<i>t</i>	<i>p</i>
	Feminino (n=97)	Masculino (n=63)		
Variáveis	M (DP)	M (DP)		
Realista	45.65(10.62)	54.44(13.38)	-4.330	.000
Investigador	56.55(12.38)	56.74(15.06)	-.081	.936
Artístico	62.30(12.31)	55.90(12.66)	3.140	.002
Social	65.28(8.25)	56.41(10.65)	5.529	.000
Empreendedor	54.07(10.99)	55.84(12.65)	-.924	.357
Convencional	47.93(11.27)	47.36(12.90)	.289	.773

Quanto às seguintes posições, observa-se que a escala que avalia os interesses *Artístico* aparece na segunda posição mais elevada com 62.30 (DP=12.31) no sexo feminino, seguido da escala que avalia os interesses *Investigador*, com o terceiro resultado mais elevado com 56.55 (DP=12.38). No sexo masculino, a escala *Social* aparece na segunda posição mais elevada com 56.41 (DP=10.65), seguido da escala *Artístico* com o terceiro valor mais elevado (M=55.90; DP=12.66).

Nas restantes posições, verifica-se que a escala que avalia os interesses *Empreendedor* aparece na terceira posição mais baixa no sexo feminino (M=54.07; DP=10.99) e no sexo masculino (M=55.84; DP=12.65). E a segunda posição mais baixa aparece na escala *Convencional* (M=47.93; DP=11.27) no sexo feminino, no entanto, esta posição é ocupada pela escala *Realista* (M=54.44; DP=13.38) no sexo masculino.

A análise da variância dos escores obtidos nas variáveis dos interesses vocacionais em função do género, com recurso ao *Teste-t*, revela diferenças estatisticamente significativas, ao nível de $p < 0.05$ na escala *realista* ($t = -4.330$; $p = .000$), na escala *artístico* ($t = -3.140$; $p = .002$) e na escala *social* ($t = 5.529$; $p = .000$). Este resultado indica que os alunos do sexo masculino, em comparação com o sexo feminino, apresentam gostar mais de atividades objetivas, práticas, ordenadas, de natureza física ou mecânica. Por outro lado, os alunos do sexo feminino preferem atividades de cariz musical, artístico, literário ou dramático com recurso à criatividade e à interpretação e tarefas relacionadas com o desenvolvimento dos outros e de assistência ao outro, em comparação com os alunos do sexo masculino.

Nesta análise da variância dos escores entre o género não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas restantes escalas, nomeadamente na escala *Investigador*

($t=-.081$; $p=.936$), *Empreendedor* ($t=-.924$; $p=.357$), bem como na escala *Convencional* ($t=.289$; $p=.773$).

3.2.4. Diferenças entre as variáveis de aspirações vocacionais (Importância/ Probabilidade) em função do gênero

Nas tabelas a seguir serão apresentados a média, o desvio-padrão e a análise da variância dos resultados na amostra nas variáveis de aspirações vocacionais (na dimensão Importância para si e na dimensão Probabilidade de alcançar) em função do gênero.

Na análise de resultados nas medidas das aspirações vocacionais, relativas à dimensão Importância para si em função do sexo feminino ($n=97$) e sexo masculino ($n=63$), apresentados na tabela 3.8, observa-se igualmente uma homogeneidade dos resultados obtidos pelos alunos. Os valores mais altos revelam-se na escala *Saúde* e os valores mais baixos registam-se na escala *Fama* e na escala *Imagem*. Especificamente, nos participantes do sexo feminino, a escala *Saúde* apresenta os valores mais elevados com 6.30 (DP=.81) e nos participantes do sexo masculino com 6.24 (DP=.78). Relativamente aos valores mais baixos, a média mais baixa no sexo feminino é obtida na escala *Fama* com 4.35 (DP=1.37) e no sexo masculino é obtida na escala *Imagem* com 4.79 (DP=1.10).

Quanto às seguintes posições, observa-se que a escala que avalia as aspirações *Relacionamentos* aparece na segunda posição mais elevada com 6.27 (DP=.71) nos alunos do sexo feminino, seguido da escala que avalia as aspirações *Crescimento Pessoal*, com o terceiro resultado mais elevado com 6.23 (DP=.78). Nos participantes do sexo masculino, a escala *Crescimento Pessoal* aparece na segunda posição mais elevada com 6.09 (DP=.67), seguido da escala *Relacionamentos* com o terceiro valor mais elevado ($M=6.04$; DP=1.03).

Nas restantes posições, verifica-se que a escala que avalia as aspirações *Riqueza* aparece na terceira posição mais baixa nos participantes do sexo feminino ($M=5.00$; DP=1.01), bem como nos participantes do sexo masculino ($M=5.24$; DP=.90). Por fim, a segunda posição mais baixa aparece na escala *Imagem* nos alunos do sexo feminino ($M=4.67$; DP=1.16) e nos alunos do sexo masculino aparece na escala *Fama* ($M=4.82$; DP=1.28).

Tabela 3.8 – Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados *t-Student* nas aspirações vocacionais na dimensão Importância para si em função do género

Amostras	Género		<i>t</i>	<i>p</i>
	Feminino (n=97)	Masculino (n=63)		
Variáveis	M (DP)	M (DP)		
Riqueza	5.00(1.01)	5.24(.90)	-1.344	.181
Crescimento Pessoal	6.23(.78)	6.09(.67)	1.063	.290
Fama	4.35(1.37)	4.82(1.28)	-1.973	.050
Relacionamentos	6.27(.71)	6.04(1.03)	1.385	.170
Imagem	4.67(1.16)	4.79(1.10)	-.595	.553
Comunidade	5.84(.96)	5.34(1.10)	2.824	.005
Saúde	6.30(.81)	6.24(.78)	.414	.679

A análise da variância dos escores obtidos nas variáveis das aspirações vocacionais (Importância para si) em função do género, com recurso ao *Teste-t*, revela a existência de diferenças estatisticamente significativas, ao nível de $p < 0.05$, na escala *Comunidade* ($t = 2.824$; $p = .005$) e uma diferença marginal na escala *Fama* ($t = -1.973$; $p = .050$). Este resultado indica que em média os alunos do sexo masculino consideram como mais importante para si as aspirações relacionadas com objetivos de ser famoso, bem-conhecido e admirado, em comparação com o sexo feminino que considera as aspirações relacionadas com objetivos de melhoria do mundo através de ações de generosidade como mais importantes para si do que o sexo masculino. Nas restantes escalas não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, nomeadamente na escala *Riqueza* ($t = -1.344$; $p = .181$), na escala *Crescimento Pessoal* ($t = 1.063$; $p = .290$), na escala *Relacionamentos* ($t = 1.385$; $p = .170$), bem como na escala *Imagem* ($t = -.595$; $p = .553$) e na escala *Saúde* ($t = .414$; $p = .679$).

Na análise de resultados nas medidas das aspirações vocacionais, relativas à probabilidade de alcançar em função do sexo feminino ($n = 97$) e sexo masculino ($n = 63$), apresentados na tabela 3.9, observa-se igualmente uma homogeneidade dos resultados obtidos pelos indivíduos. Os valores mais altos revelam-se na escala *Relacionamentos* e na escala *Saúde* e os valores mais baixos registam-se na escala *Fama*. Especificamente, nos participantes do sexo feminino, a escala *Relacionamentos* apresenta os valores mais elevados com 5.65 (DP=1.04) e nos participantes do sexo masculino, a escala *Saúde*

apresenta os valores mais elevados com 5.69 (DP=.94). Relativamente aos valores mais baixos, a média mais baixa no sexo feminino é obtida na escala *Fama* com 3.88 (DP=1.24) e no sexo masculino é obtida com 4.38 (DP=1.16).

Tabela 3.9 – Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados *t-Student* nas aspirações vocacionais na dimensão Probabilidade de alcançar em função do género

Amostras	Género		<i>t</i>	<i>p</i>
	Feminino (n=97)	Masculino (n=63)		
Variáveis	M (DP)	M (DP)		
Riqueza	4.49 (.99)	4.84 (.83)	-2.163	.032
Crescimento Pessoal	5.64 (.94)	5.66 (.70)	-.106	.916
Fama	3.88 (1.24)	4.38 (1.16)	-2.376	.019
Relacionamentos	5.65 (1.04)	5.57 (.96)	.453	.651
Imagem	4.33 (1.12)	4.46 (1.06)	-.664	.508
Comunidade	5.30 (1.10)	5.00 (1.08)	1.559	.121
Saúde	5.62 (1.08)	5.69 (.94)	-.374	.709

Quanto às seguintes posições, observa-se que a escala que avalia as aspirações *Crescimento Pessoal* aparece na segunda posição mais elevada com 5.64 (DP=.94) nos alunos do sexo feminino, seguido da escala que avalia as aspirações *Saúde*, com o terceiro resultado mais elevado com 5.62 (DP=1.08). Nos participantes do sexo masculino, a escala *Crescimento Pessoal* aparece na segunda posição mais elevada com 5.66 (DP=.70), seguido da escala *Relacionamentos* com o terceiro valor mais elevado (M=5.57; DP=.96).

Nas restantes posições, verifica-se que a escala que avalia as aspirações *Riqueza* aparece na terceira posição mais baixa nos participantes do sexo feminino (M=4.49; DP=.99), bem como nos participantes do sexo masculino (M=4.84; DP=.83). Por fim, a segunda posição mais baixa aparece na escala *Imagem* nos alunos do sexo feminino (M=4.33; DP=1.12), bem como nos alunos do sexo masculino (M=4.46; DP=1.06).

A análise da variância dos escores obtidos nas variáveis das aspirações vocacionais (Probabilidade de alcançar) em função do género, com recurso ao *Teste-t*, revela a existência de diferenças estatisticamente significativas, ao nível de $p < 0.05$, na escala *Riqueza* ($t = -2.163$; $p = .032$) e na escala *Fama* ($t = -2.376$; $p = .019$). Este resultado indica que em média os alunos do sexo masculino consideram que existe uma maior probabilidade em

alcançar aspirações relacionadas com objetivos de ser rico e bem-sucedido materialmente, bem como objetivos de ser famoso, bem conhecido e admirado pelos outros, em comparação com o sexo feminino. Nas restantes escalas não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, nomeadamente na escala *Crescimento Pessoal* ($t=-.106$; $p=.916$), na escala *Relacionamentos* ($t=.453$; $p=.651$), na escala *Imagem* ($t=-.664$; $p=.508$), bem como na escala *Comunidade* ($t=1.559$; $p=.121$) e na escala *Saúde* ($t=-.374$; $p=.709$).

3.2.5. Diferenças entre as variáveis de interesses vocacionais em função do nível socioeconómico

Nas tabelas a seguir serão apresentados a média, o desvio-padrão e a análise da variância dos resultados na amostra nas variáveis de interesses vocacionais em função do nível socioeconómico. É de salientar que no NSE estão compreendidos três grupos (NSE alto, NSE médio e NSE baixo), no entanto, um dos grupos, nomeadamente do NSE alto, tem apenas 8 sujeitos o que não se justifica a inclusão desse grupo no tratamento estatístico.

Tabela 3.10 – Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados *t-Student* nos interesses vocacionais em função do NSE (Nível socio económico)

Amostras	NSE		<i>t</i>	<i>p</i>
	Médio (n=42)	Baixo (n=74)		
Variáveis	M (DP)	M (DP)		
Realista	45.78(10.09)	49.28(13.05)	1.594	.114
Investigador	57.35(13.01)	54.97(13.49)	-.909	.365
Artístico	60.28(11.62)	59.82(13.25)	-.181	.857
Social	62.83(8.67)	61.55(10.19)	-.669	.505
Empreendedor	55.63(11.41)	53.81(10.42)	-.858	.393
Convencional	46.43(10.68)	47.48(11.37)	.481	.631

Na análise de resultados nas medidas dos interesses vocacionais em função do NSE médio (n=42) e baixo (n=74) apresentados na tabela 3.10, observa-se igualmente uma

homogeneidade dos resultados obtidos pelos alunos. Os valores mais altos revelam-se na escala *Social* enquanto os valores mais baixos registam-se na escala *Realista* e *Convencional*. Especificamente, no NSE médio a escala *Social* apresenta os valores mais elevados com 62.83 (DP=8.67) e no NSE baixo com 61.55 (DP=10.19). Relativamente aos valores mais baixos, observa-se que a média mais baixa no NSE médio é obtida na escala *Realista*, com 45.78 (DP=10.09) e no NSE baixo observa-se na escala *Convencional* com 47.48 (DP=11.37).

Quanto às seguintes posições, observa-se que a escala que avalia os interesses *Artístico* aparece na segunda posição mais elevada com 60.28 (DP=11.62) no NSE médio, seguido da escala *Investigador* com o terceiro valor mais elevado (M=57.35; DP=13.01). No NSE baixo, a escala *Artístico* aparece na segunda posição mais elevada com 59.82 (DP=13.25), seguido da escala *Investigador* com o terceiro valor mais elevado (M=54.97; DP=13.49).

Nas restantes posições, verifica-se que a escala que avalia os interesses *Empreendedor* aparece na terceira posição mais baixa no NSE médio (M=55.63; DP=11.41) e no NSE baixo (M=53.81; DP=10.42). E a segunda posição mais baixa aparece na escala *Convencional* (M=46.43; DP=10.68) no NSE médio, no entanto, esta posição é ocupada pela escala *Realista* no NSE baixo (M=49.28; DP=13.05).

A análise da variância dos escores obtidos nas variáveis dos interesses vocacionais em função do NSE, com recurso ao *Teste-t*, não revela a existência de diferenças estatisticamente significativas, ao nível de $p < 0.05$, entre os alunos de NSE médio e NSE baixo. Assim, nesta análise aponta-se os seguintes resultados na escala *Realista* ($t=1.594$; $p=.114$), *Investigador* ($t=-.909$; $p=.365$), *Artístico* ($t=-.181$; $p=.857$), bem como na escala *Social* ($t=-.669$; $p=.505$), na escala *Empreendedor* ($t=-.858$; $p=.393$) e na escala *Convencional* ($t=.481$; $p=.631$).

3.2.6. Diferenças entre as variáveis de aspirações vocacionais (Importância/ Probabilidade em função do nível socioeconómico

Nas tabelas a seguir serão apresentados a média, o desvio-padrão e a análise da variância dos resultados na amostra nas variáveis de aspirações vocacionais (na dimensão Importância para si e na dimensão Probabilidade de alcançar) em função do nível socioeconómico familiar.

Tabela 3.11 – Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados *t-Student* nas aspirações vocacionais na dimensão Importância para si em função do NSE

Amostras	NSE		<i>t</i>	<i>p</i>
	Médio (n=42)	Baixo (n=74)		
Variáveis	M (DP)	M (DP)		
Riqueza	5.38(.86)	4.93(.93)	-2.569	.012
Crescimento Pessoal	6.27(.70)	6.19(.68)	-.602	.549
Fama	4.68(1.26)	4.32(1.35)	-1.402	.163
Relacionamentos	6.33(.67)	6.11(.93)	-1.489	.139
Imagem	4.90(1.05)	4.58(1.04)	-1.604	.111
Comunidade	5.54(1.19)	5.59(.96)	.256	.799
Saúde	6.34(.68)	6.26(.84)	-.526	.600

Na análise de resultados nas medidas das aspirações vocacionais, relativas à dimensão Importância para si, em função do NSE médio (n=42) e baixo (n=74) apresentados na tabela 3.11, observa-se igualmente uma homogeneidade dos resultados obtidos pelos alunos. Os valores mais altos revelam-se na escala *Saúde* e os valores mais baixos registam-se na escala *Fama*. Especificamente, nos participantes de NSE médio (M=6.34; DP=.68) e NSE baixo (M=6.26; DP=.84) a escala *Saúde* apresenta os valores mais elevados. Relativamente aos valores mais baixos, a média mais baixa é obtida na escala *Fama* no NSE médio com 4.68 (DP=1.26) e no NSE baixo com 4.32 (DP= 1.35).

Quanto às seguintes posições, observa-se que nos participantes de NSE médio, a escala *Relacionamentos* aparece na segunda posição mais elevada com 6.33 (DP=.67), seguido da escala *Crescimento Pessoal* com o terceiro valor mais elevado (M=6.27; DP=.70). No NSE baixo, a segunda posição mais elevada é ocupada pela escala *Crescimento Pessoal* com 6.19 (DP=.68), seguido da escala *Relacionamentos* com 6.11 (DP=.93) com o terceiro resultado mais elevado.

Nas restantes posições, verifica-se que a escala que avalia as aspirações *Riqueza* aparece na terceira posição mais baixa nos participantes de NSE médio (M=5.38; DP=.86) e nos alunos de NSE baixo (M=4.93; DP=.93). Por fim, a segunda posição mais baixa aparece na escala *Imagem* nos alunos de NSE médio (M=4.90; DP=1.05) e nos alunos de NSE baixo (M=4.58; DP=1.04)

A análise da variância dos escores obtidos nas variáveis das aspirações vocacionais (Importância para si) em função do NSE, com recurso ao *Teste-t*, revela a existência de diferenças estatisticamente significativas, ao nível de $p < 0.05$, na escala *Riqueza* ($t = -2.569$; $p = .012$). Este resultado indica que em média os alunos de NSE médio consideram que as aspirações relacionadas com objetivos de ser rico e bem-sucedido materialmente são mais importantes para si do que os alunos de NSE baixo. Nas restantes escalas não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, nomeadamente na escala *Crescimento Pessoal* ($t = -.602$; $p = .549$), na escala *Fama* ($t = -1.402$; $p = .163$), na escala *Relacionamentos* ($t = -1.489$; $p = .139$), bem como na escala *Imagem* ($t = -1.654$; $p = .111$), na escala *Comunidade* ($t = .256$; $p = .799$) e por fim, na escala *Saúde* ($t = -.526$; $p = .600$).

Tabela 3.12 – Média, Desvio Padrão e análise de variância dos resultados *t-Student* nas aspirações vocacionais na dimensão Probabilidade de alcançar em função do NSE

Amostras	NSE		<i>t</i>	<i>p</i>
	Médio (n=42)	Baixo (n=74)		
Variáveis	M (DP)	M (DP)		
Riqueza	4.80(.86)	4.49(.95)	-1.782	.077
Crescimento Pessoal	5.67(.67)	5.66(.94)	-.073	.942
Fama	4.07(1)	3.90(1.27)	-.742	.459
Relacionamentos	5.66(.88)	5.58(1.12)	-.394	.694
Imagem	4.40(1.06)	4.23(1.05)	-.822	.413
Comunidade	4.99(1.17)	5.20(1.09)	.977	.331
Saúde	5.65(.74)	5.65(1.12)	-.033	.973

Na análise de resultados nas medidas das aspirações vocacionais, relativas à probabilidade de alcançar, em função do NSE médio (n=42) e baixo (n=74) apresentados na tabela 3.12, observa-se igualmente uma homogeneidade dos resultados obtidos pelos alunos. Os valores mais altos revelam-se na escala *Crescimento Pessoal* e os valores mais baixos registam-se na escala *Fama*. Especificamente, nos participantes do NSE médio, a escala *Saúde* apresenta os valores mais elevados com 5.67 (DP=.67) e no NSE baixo com 5.66 (DP=.94). Relativamente aos valores mais baixos, a média mais baixa é obtida na escala *Fama* no NSE médio com 4.07 (DP=1) e no NSE baixo com 3.90 (DP= 1.27).

Quanto às seguintes posições, observa-se que a escala que avalia as aspirações *Relacionamentos* aparece na segunda posição mais elevada com 5.66 (DP=.88) nos alunos de NSE médio, seguido da escala que avalia as aspirações *Saúde*, com o terceiro resultado mais elevado com 5.65 (DP=.74). Nos participantes de NSE baixo, a escala *Saúde* aparece na segunda posição mais elevada com 5.65 (DP=1.12), seguido da escala *Relacionamentos* com o terceiro valor mais elevado (M=5.58; DP=1.12).

Nas restantes posições, verifica-se que a escala que avalia as aspirações *Riqueza* aparece na terceira posição mais baixa nos participantes de NSE médio (M=4.80; DP=.86) e no NSE baixo (M= 4.49; DP=.95). Por fim, a segunda posição mais baixa aparece na escala *Imagem* nos alunos de NSE médio (M=4.40; DP=1.06), bem como no NSE baixo (M=4.23; DP=1.05)

A análise da variância dos escores obtidos nas variáveis das aspirações vocacionais (Probabilidade de alcançar) em função do NSE, com recurso ao *Teste-t*, não revela a existência de diferenças estatisticamente significativas, ao nível de $p < 0.05$, entre os alunos de NSE médio e baixo em relação às aspirações na dimensão probabilidade de alcançar. Assim, nesta análise aponta-se os seguintes resultados, na escala *Riqueza* ($t = -1.782$; $p = 0.77$), *Crescimento Pessoal* ($t = -.073$; $p = .942$), bem como na escala *Fama* ($t = -.742$; $p = .459$), *Relacionamentos* ($t = -.394$; $p = .694$), na escala *Imagem* ($t = -.822$; $p = .413$), na escala *Comunidade* ($t = .977$; $p = .331$) e, por último, na escala *Saúde* ($t = -.033$; $p = .973$).

3.2.7. Relação entre as medidas

Os coeficientes de correlação entre as variáveis estão apresentados na tabela 4. A análise das relações contempla a leitura intra medidas do mesmo grupo de variáveis e inter medidas entre as variáveis de interesses vocacionais e as variáveis de aspirações vocacionais, em função do tipo de ensino.

De acordo com a tabela, a associação entre as variáveis foram avaliados através do coeficiente de correlação de Pearson. Na metade oblíqua superior são apresentados os índices de correlação obtidos pelos alunos do ensino regular. Na metade inferior são apresentados os valores de correlação obtidos pelos alunos dos cursos de educação e formação.

Tabela 4 – Matriz das intercorrelações entre as diferentes variáveis

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
1 RQ_imp	-	.73***	.20*	.08	.55***	.47***	.24*	.13	.62***	.69***	.05	-.04	.23*	.16	.03	.14	.06	.05	.20*	.05
2 RQ_prob	.62***	-	.14	.32**	.53***	.67***	.13	.30**	.66***	.54***	.14	.18	.26	.36***	.28**	.25**	.14	.08	.35***	.31**
3 CP_imp	.59***	.34x	-	.64***	.16	.09	.48***	.30**	.15	.25*	.47***	.28**	.61***	.30**	-.06	.14	.30**	.16	.08	-.02
4 CP_prob	.40*	.71***	.57**	-	.07	.24*	.27**	.47***	.30**	.13	.32**	.43***	.37***	.47***	.11	.13	.22*	.11	.22*	.20*
5 F_imp	.62***	.19	.36*	.03	-	.83***	.17	.20*	.56***	.69***	.38***	.26**	.37***	.26**	.18	.13	.31**	.26**	.32**	.24*
6 F_prob	.52**	.64***	.27	.61***	.60***	-	.09	.33**	.65***	.59***	.33**	.36***	.29**	.35***	.30**	.18	.29**	.22*	.36***	.33**
7 RL_imp	.54**	.06	.71***	.17	.37*	.09	-	.71***	.24*	.38***	.28**	.05	.41***	.11	-.19	.06	.21*	.18	.04	-.06
8 RL_prob	.43	.68***	.44*	.86***	-.10	.54**	.28	-	.44***	.36***	.29**	.32**	.34***	.36***	.05	.11	.22*	.21*	.20*	.15
9 I_prob	.32	.75***	.11	.65***	.00	.62***	-.02	.73***	-	.84***	.15	.22*	.39***	.51***	.18	.18	.12	.11	.32**	.20*
10 I_imp	.71***	.42*	.36*	.25	.55**	.38*	.42*	.33	.46**	-	.24*	.13	.48***	.30**	.08	.11	.10	.15	.28**	.14
11 C_imp	.01	-.00	.22	.02	.16	.06	.37*	-.06	.11	.06	-	.85***	.56***	.37***	.10	.13	.31**	.41***	.08	.17
12 C_prob	.15	.59***	.27	.77***	.00	.60***	.04	.71***	.66***	.17	.42*	-	.42***	.54***	.15	.09	.20*	.35***	.10	.23
13 S_imp	.65***	.22	.76***	.28	.47	.17	.83***	.27	.01	.44*	.31	.08	-	.65***	.14	.24*	.28**	.22*	.23*	.16
14 S_prob	.39*	.73***	.37*	.88***	-.09	.51**	.11	.83***	.71***	.30	.02	.74***	.31	-	.32**	.23*	.20*	.24*	.30**	.28**
15 R	-.09	-0.09	-.14	.10	.09	.17	.11	.04	.07	.05	.29	.29	.02	.08	-	.50***	.31**	.28**	.61***	.61***
16 I	.00	.06	.08	.22	.03	.17	.26	.09	.16	.02	.39	.31	.06	.11	.68***	-	.34***	.34***	.42***	.32**
17 A	-.12	-.24	-.09	-.19	.12	-.12	.15	-.26	-.18	.11	.25	-.01	-.10	-.38*	.52***	.70***	-	.60***	.47***	.42***
18 S	-.20	-.16	-.10	-.06	-.10	-.20	.17	-.10	-.07	.04	.33	.09	.04	-.15	.56***	.62***	.76***	-	.57***	.56***
19 E	-.04	.14	-.21	.05	.05	.12	-.14	-.10	.04	-.02	.21	.22	-.11	.10	.67***	.73***	.61***	.70***	-	.75***
20 C	-.38*	-.09	-.42*	-.16	-.21	-.14	-.24	-.18	-.02	-.20	.23	.11	-.30	-.10	.73***	.62***	.62***	.71***	.80***	-

* $p < 0.05$, ** $p < 0.01$, *** $p < 0.001$, x $p = 0.05$

Abreviaturas: Imp- importância, Prob-probabilidade, RQ- riqueza; CP- crescimento pessoal, F- fama; RL- relacionamentos, I- imagem, C-comunidade, S-saúde, R-realista, I-investigador, A-artístico, S-social, E-empresário, C-convencional.

3.2.7.1. Correlações entre as variáveis de aspirações vocacionais no grupo do ensino regular

Como se pode verificar na matriz das intercorrelações entre as variáveis de aspirações vocacionais no grupo ensino regular, a variável aspiração riqueza na dimensão importância para si está associada de maneira positiva com as variáveis riqueza na dimensão probabilidade de alcançar ($r=.73$), fama na dimensão importância para si ($r=.55$) e na probabilidade de alcançar ($r=.47$) e imagem na dimensão importância para si ($r=.69$) e na probabilidade de alcançar ($r=.62$) ao nível de significância de $p < 0.001$. Este resultado indica que a aspiração riqueza (importância) parece associar-se às aspirações extrínsecas, a saber, com a aspiração riqueza (probabilidade) com uma correlação forte, com a aspiração fama (importância e probabilidade) com uma correlação moderada e com a aspiração imagem (importância e probabilidade) com uma correlação forte. Ainda em relação à variável riqueza (importância), além das associações já mencionadas, apresenta coeficientes de correlação positivos, significativos ao nível de $p < 0.05$ com as variáveis crescimento pessoal na dimensão importância para si ($r=.20$), relacionamentos na dimensão importância para si ($r=.24$) e saúde na dimensão importância para si ($r=.23$) com uma correlação fraca.

Em relação à variável riqueza na dimensão probabilidade de alcançar, verificamos associações significativas ao nível de $p < 0.001$ com as escalas fama na dimensão importância para si ($r=.53$) e na dimensão probabilidade de alcançar ($r=.67$), com as escalas imagem na dimensão importância para si ($r=.54$) e na dimensão probabilidade de alcançar ($r=.66$) e com a escala Saúde na dimensão probabilidade de alcançar ($r=.36$). Este resultado indica que a aspiração riqueza (probabilidade) parece associar-se igualmente com as aspirações extrínsecas, nomeadamente, com as aspirações fama (importância) e imagem (importância) com uma correlação moderada e com a aspiração fama (probabilidade) e imagem (probabilidade) com uma correlação forte e, por último, com a escala saúde (probabilidade) com uma correlação fraca. Ainda em relação à aspiração riqueza (probabilidade), ao nível das associações significativas ao nível de $p < 0.01$, verificamos associações positivas, significativas fracas com as escalas crescimento pessoal na dimensão probabilidade de alcançar ($r=.32$) e relacionamentos na dimensão probabilidade ($r=.30$).

Em relação à variável crescimento pessoal na dimensão importância para si, é de referir que revela associações positivas, significativas fortes ao nível de $p < 0.001$ com as escalas

crescimento pessoal na dimensão probabilidade ($r=.64$), saúde na dimensão importância ($r=.61$) e associações moderadas significativas, igualmente ao nível de $p<0.001$, com as escalas relacionamentos na dimensão importância (.48), comunidade na dimensão importância (.47). É de referir ainda que a variável crescimento (importância), além das associações já mencionadas, apresenta coeficientes de correlação positivos significativos ao nível de $p<0.01$, com as variáveis relacionamentos na dimensão probabilidade ($r=.30$), comunidade na dimensão probabilidade ($r=.28$) e saúde na dimensão probabilidade ($r=.30$) com uma correlação fraca. Ao nível de $p<0.05$ a variável crescimento (importância) associa-se igualmente de forma fraca com um coeficiente de correlação positivo significativo com a escala imagem na dimensão importância ($r=.25$).

Ainda ao nível das aspirações vocacionais, é de salientar que a variável crescimento pessoal na dimensão probabilidade de alcançar revela associações positivas, estatisticamente significativas ao nível de $p<0.001$ com as variáveis relacionamentos na dimensão probabilidade ($r=.47$), comunidade na dimensão probabilidade ($r=.43$) e saúde na dimensão probabilidade ($r=.47$) com uma correlação moderada e na variável saúde na dimensão importância ($r=.37$) com uma correlação fraca. Além destas associações, a variável crescimento pessoal (probabilidade) apresenta coeficientes de correlação significativos ao nível de $p<0.01$ com a variável relacionamentos na dimensão importância ($r=.27$), imagem na dimensão probabilidade ($r=.30$) e comunidade na dimensão importância ($r=.32$) com uma correlação fraca. Ao nível de $p<0.05$, na variável crescimento pessoal na dimensão probabilidade há uma associação fraca positiva significativa com a variável fama na dimensão probabilidade ($r=.24$).

Relativamente à variável fama na dimensão importância para si salienta-se as relações positivas, significativas ao nível de $p<0.001$ com a variável fama na dimensão probabilidade ($r=.83$) com uma correlação forte, imagem na dimensão probabilidade ($r=.56$) com uma correlação moderada e na dimensão importância ($r=.69$) com uma correlação forte, comunidade na dimensão importância ($r=.38$) e saúde na dimensão importância ($r=.37$) com uma correlação fraca. Nas restantes variáveis, a variável fama (importância) revela ao nível de $p<0.01$ coeficientes de correlação positivos significativos com as variáveis comunidade na dimensão probabilidade ($r=.26$) e saúde na dimensão probabilidade ($r=.26$) com uma correlação fraca. Ao nível de $p<0.05$ há uma associação fraca significativa, positiva entre a variável fama (importância) com a variável relacionamentos na dimensão importância ($r=.20$).

Na variável fama na dimensão probabilidade de alcançar é de referir que apresenta coeficientes de correlação positivos significativos ao nível de $p < 0.001$ com as variáveis imagem na dimensão probabilidade ($r = .65$) com uma correlação forte e na dimensão importância ($r = .59$) com uma correlação moderada, comunidade na dimensão probabilidade ($r = .36$) e saúde na dimensão probabilidade ($r = .35$) com uma correlação fraca. Além das associações já referidas, a variável fama (probabilidade) apresenta associações fracas positivas significativas ao nível de $p < 0.01$ com as variáveis relacionamentos na dimensão probabilidade ($r = .33$), comunidade na dimensão importância ($r = .33$) e saúde na dimensão importância ($r = .29$).

A variável relacionamentos na dimensão importância para si revela associações positivas significativas ($p < 0.001$) com as variáveis relacionamentos na dimensão probabilidade ($r = .71$) com uma correlação forte, imagem na dimensão importância ($r = .38$) com uma correlação fraca e saúde na dimensão importância ($r = .41$) com uma correlação moderada. Para além das relações significativas já mencionadas, a variável relacionamentos (importância) ainda apresenta um coeficiente de correlação fraca positivo significativo ao nível de $p < 0.01$ com a variável comunidade na dimensão importância ($r = .28$) e um coeficiente de correlação, igualmente fraca, positivo significativo ao nível de $p < 0.05$ com a variável imagem na dimensão probabilidade ($r = .24$).

Na variável relacionamentos na dimensão probabilidade de alcançar é de salientar relações positivas significativas ao nível de $p < 0.001$ com as variáveis imagem na dimensão probabilidade ($r = .44$) com uma correlação moderada e na dimensão importância ($r = .36$) e saúde na dimensão importância ($r = .34$) e na dimensão probabilidade ($r = .36$) com uma correlação fraca. Ao nível de $p < 0.01$, salienta-se as relações fracas positivas significativas entre a variável relacionamentos (probabilidade) com as variáveis comunidade na dimensão importância ($r = .29$) e na dimensão probabilidade ($r = .32$).

A variável imagem na dimensão importância para si revela uma associação moderada positiva significativa ao nível de $p < 0.001$ com a variável saúde na dimensão importância ($r = .48$). Ao nível de $p < 0.01$ salienta-se uma associação fraca positiva significativa entre a variável imagem (importância) com a variável saúde na dimensão probabilidade ($r = .30$) e ao nível de $p < 0.05$, uma associação igualmente fraca positiva significativa, com a variável comunidade na dimensão importância ($r = .24$).

Relativamente à variável imagem na dimensão probabilidade para si, destaca-se coeficientes de correlação positivos, significativos ao nível de $p < 0.001$ com as variáveis imagem na dimensão importância ($r = .84$) com uma correlação forte, saúde na dimensão

importância ($r=.39$) com uma correlação fraca e na dimensão probabilidade ($r=.51$) com uma correlação moderada. Ainda ao nível de $p<0.001$ verificam-se associações positivas significativas entre a variável comunidade na dimensão importância com as variáveis comunidade na dimensão probabilidade ($r=.85$) com uma correlação forte, saúde na dimensão importância ($r=.56$) com uma correlação moderada, e na dimensão probabilidade ($r=.37$) como uma correlação fraca, bem como entre a variável comunidade na dimensão probabilidade com as variáveis saúde na dimensão importância ($r=.42$) e na dimensão probabilidade ($r=.54$), indicando correlações moderadas. Entre as variáveis saúde na dimensão importância e saúde na dimensão probabilidade ($r=.65$) há uma associação positiva, significativa ($p<0.001$), indicando uma correlação forte. Ao nível de $p<0.05$, verifica-se uma relação significativa positiva entre a variável imagem (probabilidade) com a variável comunidade na dimensão probabilidade ($r=.22$), indicando uma correlação fraca.

3.2.7.2. Correlações entre as variáveis de interesses vocacionais no grupo do ensino regular

A análise dos coeficientes de correlação entre as variáveis de interesses vocacionais no grupo ensino regular, indica relações positivas significativas ao nível de $p<0.001$ entre os interesses realistas com as escalas investigador ($r=.50$) com uma correlação moderada, empreendedor ($r=.61$) e convencional ($r=.61$) com uma correlação forte. Além das associações já mencionadas, a variável interesse realista apresenta coeficientes de correlação fraca positivos significativos ao nível de $p<0.01$ com as restantes variáveis, a saber, interesse artístico ($r=.31$) e interesse social ($r=.28$). Em relação à variável interesse investigador, revelam-se associações positivas significativas com a maioria das variáveis a nível de $p<0.001$ com as escalas interesse artístico ($r=.34$), social ($r=.34$), e empreendedor ($r=.42$). Ao nível de $p<0.01$, existe associação positiva significativa entre a variável interesse investigador e interesse convencional ($r=.32$). Na variável interesse artístico, verificamos associações moderadas positivas significativas ao nível de $p<0.001$ com as variáveis, a saber, escalas social ($r=.60$), empreendedor ($r=.47$) e convencional ($r=.42$). Em relação à variável interesse social, salienta-se igualmente associações moderadas positivas significativas ($p<0.001$) com as variáveis empreendedor ($r=.57$) e convencional ($r=.56$). Por último, entre as variáveis interesse empreendedor e interesse convencional há uma associação forte positiva significativa ao nível de $p<0.001$ com um coeficiente de correlação de .75.

3.2.7.3. Correlações entre as variáveis de aspirações vocacionais e as variáveis de interesses vocacionais no grupo do ensino regular

A análise dos coeficientes de correlação entre as duas medidas, interesses e aspirações, no grupo ensino regular indica coeficientes de correlação fraca positivos, significativos ao nível de $p < 0.001$ entre os interesses empreendedor e as aspirações riqueza na dimensão probabilidade ($r = .35$) e fama na dimensão probabilidade ($r = .36$), bem como entre os interesses social e as aspirações comunidade na dimensão importância ($r = .41$) com uma correlação moderada e na dimensão probabilidade ($r = .35$) com uma correlação fraca.

Além das associações já mencionadas, os interesses empreendedor se associam com uma correlação significativa fraca, positiva ao nível de $p < 0.01$ com as aspirações fama na dimensão importância ($r = .32$), imagem na dimensão probabilidade ($r = .32$) e na dimensão importância ($r = .28$) e saúde na dimensão probabilidade ($r = .30$). Ainda ao nível de $p < 0.01$ verificam-se coeficientes de correlação fraca positivos, significativos entre os interesses realistas e as aspirações riqueza na dimensão probabilidade ($r = .28$), fama na dimensão probabilidade ($r = .30$) e saúde na dimensão probabilidade ($r = .32$), bem como entre os interesses investigador e as aspirações riqueza na dimensão probabilidade ($r = .25$) e entre os interesses artísticos e as aspirações crescimento pessoal na dimensão importância ($r = .30$), fama na dimensão importância ($r = .31$) e na dimensão probabilidade ($r = .29$), comunidade na dimensão importância ($r = .31$) e saúde na dimensão importância ($r = .28$). Ainda ao nível de $p < 0.01$, a variável interesse convencional apresenta coeficientes de correlação fraca positivos, significativos com as aspirações riqueza na dimensão probabilidade ($r = .31$), fama na dimensão probabilidade ($r = .33$) e saúde na dimensão probabilidade ($r = .28$), bem como a variável interesse social apresenta uma correlação fraca positiva, significativa ($p < 0.01$) com as aspirações fama na dimensão importância ($r = .26$).

Ao nível de $p < 0.05$ verificam-se associações fracas positivas significativas entre os interesses empreendedor e as variáveis riqueza na dimensão importância ($r = .20$), crescimento pessoal na dimensão probabilidade ($r = .22$), relacionamentos na dimensão probabilidade ($r = .20$) e saúde na dimensão importância ($r = .23$), bem como entre os interesses investigador e as aspirações saúde na dimensão importância ($r = .24$) e na dimensão probabilidade ($r = .23$) e entre os interesses social e as aspirações fama na dimensão probabilidade ($r = .22$), relacionamentos na dimensão probabilidade ($r = .21$), saúde na dimensão importância ($r = .22$) e na dimensão probabilidade ($r = .24$). Ainda em relação ao nível de $p < 0.05$ verificam-se coeficientes de correlação fraca positivos, significativos

entre os interesses artísticos e as aspirações relacionamentos na dimensão importância (r=.21) e na dimensão probabilidade (r=.22), saúde na dimensão probabilidade (r=.20) e comunidade na dimensão probabilidade (r=.20), bem como entre os interesses convencional e as aspirações crescimento pessoal na dimensão probabilidade (r=.20), fama na dimensão importância (r=.24) e imagem na dimensão probabilidade (r=.20).

3.2.7.4. Correlações entre as variáveis de aspirações vocacionais no grupo dos cursos de educação e formação

A análise dos coeficientes de correlação entre as variáveis de aspirações vocacionais no grupo CEF indica associações fortes, positivas, significativas ao nível de $p < 0.001$ entre as variáveis riqueza na dimensão importância com as variáveis riqueza na dimensão probabilidade (r=.62), crescimento pessoal na dimensão importância (r=.59), fama na dimensão importância (r=.62), imagem na dimensão importância (r=.71) e saúde na dimensão importância (r=.66), entre as variáveis riqueza na dimensão probabilidade com as variáveis crescimento pessoal na dimensão probabilidade (r=.71), fama na dimensão probabilidade (r=.64), relacionamentos na dimensão probabilidade (r=.68), imagem na dimensão probabilidade (r=.75), comunidade na dimensão probabilidade (r=.59) e saúde na dimensão probabilidade (r=.73).

Ainda em relação ao nível $p < 0.001$ verificam-se coeficientes de correlação forte significativos, no sentido positivo, entre as aspirações crescimento pessoal na dimensão importância com as variáveis relacionamentos na dimensão importância (r=.71) e saúde na dimensão importância (r=.76), entre aspirações crescimento pessoal na dimensão probabilidade com as variáveis fama na dimensão probabilidade (r=.61), relacionamentos na dimensão probabilidade (r=.86), imagem na dimensão probabilidade (r=.65), comunidade na dimensão probabilidade (r=.77) e saúde na dimensão probabilidade (r=.88). Além das associações já mencionadas ao nível de $p < 0.001$ ainda se registam coeficientes de correlação positivos, significativos, igualmente forte, entre as aspirações fama (importância) e as aspirações fama na dimensão probabilidade (r=.60), entre as aspirações fama (probabilidade), imagem na dimensão probabilidade (r=.62) e comunidade na dimensão probabilidade (r=.60), entre relacionamentos (importância) e saúde na dimensão importância (r=.83), entre relacionamentos (probabilidade), imagem na dimensão probabilidade (r=.73), comunidade na dimensão probabilidade (r=.71) e saúde na dimensão probabilidade (r=.83). O mesmo sucede com a imagem (probabilidade), que apresenta com

as mesmas variáveis os seguintes coeficientes de correlação: comunidade na dimensão probabilidade ($r=.66$) e saúde na dimensão probabilidade ($r=.71$), bem como a comunidade (probabilidade) apresenta associações com a saúde na dimensão probabilidade ($r=.74$).

Na variável riqueza (importância) realçamos ao nível de $p<0.01$ coeficientes de correlação moderada significativos, positivos com a variável fama na dimensão probabilidade ($r=.52$) e relacionamentos na dimensão importância ($r=.54$), bem como com a variável crescimento pessoal (importância) e crescimento pessoal na dimensão probabilidade ($r=.57$). Na variável fama (importância) verifica-se uma associação moderada significativa, no sentido positivo, ao nível de $p<0.01$ com a variável imagem na dimensão importância ($r=.55$), bem como a variável fama (probabilidade) se associa, igualmente de forma moderada, com as variáveis relacionamentos na dimensão probabilidade ($r=.54$) e saúde na dimensão probabilidade ($r=.51$). Ainda ao nível de $p<0.01$ verificam-se associações moderadas significativas, positivas entre a variável imagem (probabilidade) e imagem na dimensão importância ($r=.46$).

Na variável riqueza (importância) verificam-se coeficientes de correlação positivos significativos ao nível de $p<0.05$ entre as variáveis crescimento na dimensão probabilidade ($r=.40$) e saúde na dimensão probabilidade ($r=.39$), entre a variável riqueza (probabilidade) e imagem na dimensão importância ($r=.42$), bem como entre a variável crescimento pessoal (importância) e as variáveis relacionamentos na dimensão probabilidade ($r=.44$), imagem na dimensão importância ($r=.36$) e saúde na dimensão probabilidade ($r=.37$). Além das associações já referidas, a variável fama (importância) também apresenta coeficientes de correlação fraca positivos, significativos ao nível de $p<0.05$ com a variável relacionamentos na dimensão importância ($r=.37$). bem como a variável fama (probabilidade) revela associações fracas significativas, no sentido positivo, com a variável imagem na dimensão importância ($r=.38$). Ainda ao nível de $p<0.05$ salientam-se relações significativas positivas entre a variável relacionamentos (importância) e as variáveis imagem na dimensão importância ($r=.42$) com uma correlação moderada e comunidade na dimensão importância ($r=.37$) com uma correlação fraca. Por último, entre a variável imagem (importância) revelamos um coeficiente de correlação moderada positivo, significativo ainda ao nível de $p<0.05$ com a variável saúde na dimensão importância ($r=.44$), bem como entre a variável comunidade (importância) e comunidade na dimensão probabilidade ($r=.42$).

Além das associações significativas mencionadas ao nível de $p < 0.001$, $p < 0.01$ e $p < 0.05$, salientamos duas relações marginalmente significativas ao nível de $p < 0.05$ entre a variável riqueza (probabilidade) e crescimento pessoal na dimensão importância ($r = .34$) e entre crescimento pessoal (importância) e fama na dimensão importância ($r = .36$).

3.2.7.5. Correlações entre as variáveis de interesses vocacionais no grupo dos cursos de educação e formação (CEF)

A análise dos coeficientes de correlação entre as variáveis de interesses vocacionais no grupo CEF indica coeficientes de correlação significativos, no sentido positivo, ao nível de $p < 0.001$ entre a variável realista com todas as variáveis, nomeadamente, com as escalas artístico ($r = .52$), social ($r = .56$) com uma correlação moderada e empreendedor ($r = .67$), convencional ($r = .73$) e investigador ($r = .68$) com uma correlação forte. Relativamente à variável interesse investigador, é de salientar igualmente associações fortes positivas significativas ($p < 0.001$) com as escalas artístico ($r = .70$), social ($r = .62$), empreendedor ($r = .73$) e convencional ($r = .62$). Para além dos coeficientes de correlação já mencionados, verificamos ainda associações igualmente significativas ao nível de $p < 0.001$ entre a variável interesse artístico com as escalas social ($r = .76$), empreendedor ($r = .61$) e convencional ($r = .62$) com uma correlação forte. Entre a variável social existe coeficientes de correlação forte positivos significativos ($p < 0.001$) com as escalas empreendedor ($r = .70$) e convencional ($r = .71$). Por último, entre as variáveis empreendedor e convencional há uma associação forte positiva significativa ao nível de $p < 0.001$ com um coeficiente de correlação de .80.

3.2.7.6. Correlações entre as variáveis de aspirações vocacionais e as variáveis de interesses vocacionais no grupo dos cursos de educação e formação

A análise dos coeficientes de correlação entre as variáveis de aspirações vocacionais e as variáveis de interesses vocacionais no grupo CEF indicam relações significativas, no sentido negativo, ao nível de $p < 0.05$ entre os interesses artísticos e a aspiração saúde na dimensão probabilidade ($r = -.38$), bem como entre os interesses convencionais e a aspiração riqueza na dimensão importância ($r = -.38$) e crescimento pessoal na dimensão importância

($r=-.42$) Nas restantes relações entre as duas medidas, interesses e aspirações, não se verificam mais relações significativas.

Capítulo 4

Discussão dos resultados

Após termos apresentado os resultados do nosso estudo, nomeadamente, os resultados da amostra obtidos nas variáveis dos interesses vocacionais e nas variáveis das aspirações vocacionais (dimensão importância para si e probabilidade de alcançar), as diferenças entre as variáveis em função do tipo de ensino, do género e do nível socioeconómico familiar e, por último, as relações entre as variáveis por tipo de ensino, é chegado o momento de apresentarmos a discussão dos resultados.

Relativamente ao primeiro objetivo que diz respeito à descrição e caracterização dos interesses vocacionais e das aspirações vocacionais dos alunos do 3.º ciclo do ensino básico, mais especificamente do 9.º ano de escolaridade, verificámos, pelos resultados obtidos nos interesses vocacionais, que a maioria dos alunos apresenta uma preferência por atividades de natureza social e, em sentido contrário, um menor interesse por atividades de natureza convencional. Isto é, de todos os interesses avaliados, os alunos na sua generalidade consideram gostar mais de atividades relacionadas com o desenvolvimento dos outros, a assistência ao outro e a prestação de informação a outras pessoas, como por exemplo, o ensino e a ajuda terapêutica. Em contrapartida, consideram gostar menos de tarefas sistemática, rotineiras, relacionadas com o computador, com a manipulação de dados que exigem aptidões matemáticas e secretariado. Este resultado vai de encontro ao observado noutros estudos, nomeadamente quando estão integradas na mesma amostra indivíduos com interesses vocacionais distintos ou, dito de outro modo, quando não nos encontramos perante uma amostra tendencialmente mais específica em termos de interesses por um domínio profissional ou uma tipologia de atividades profissionais. Deste modo, estes resultados parecem sugerir que os alunos que integram a nossa amostra não se distinguem de outras amostras. De referir, inclusive, que esta tendência de resposta acontece em diferentes populações, nacionais e estrangeiras, quer de jovens quer de adultos.

Em relação às aspirações vocacionais para a dimensão importância para si, os alunos, na generalidade, consideram ser mais importante para si atingir objetivos intrínsecos relacionados com a saúde, seguido de relacionamentos significativos e, menos importante, atingir objetivos extrínsecos relacionados com a fama, seguido de imagem. Isto é, na sua maioria os alunos atribuem um grau de importância elevado ao sentimento de estar

saudável, bem como ao sentimento de estabelecer relações satisfatórias com família e amigos e um grau de importância menor ao sentimento de ser famoso, bem conhecido e admirado, bem como ao sentimento de ter uma aparência atrativa em termos físicos. Este resultado revela que os alunos aspiram intrinsecamente atingir objetivos que, de acordo com Kasser e Ryan (1996), são congruentes com as tendências do crescimento natural do ser humano, sendo valiosos e proporcionando satisfação interna para a pessoa. Em relação às aspirações vocacionais na dimensão probabilidade de alcançar, a generalidade dos alunos consideram existir, igualmente, uma maior probabilidade em alcançar objetivos relacionados com a saúde e crescimento pessoal e, por outro lado, uma menor probabilidade em alcançar objetivos relacionados com a fama, seguido de imagem e riqueza. Este resultado pode estar relacionado com o facto de as aspirações intrínsecas ao serem definidas como inerentes ao crescimento do ser humano, poderá conduzir a que os alunos considerem ser mais provável de as concretizar por depender apenas de si próprio, e não dos outros, e de proporcionar satisfação interna.

No que diz respeito ao segundo objetivo da presente investigação, nomeadamente, a comparação dos resultados nos interesses vocacionais e nas aspirações vocacionais em função do tipo de ensino, do género e do nível socioeconómico, salientam-se os seguintes resultados. Em relação à comparação dos interesses vocacionais em função do tipo de ensino verificou-se que os alunos das turmas de ensino regular manifestam uma maior preferência por atividades de natureza social e uma preferência menor por atividades de natureza realista, enquanto que os alunos das turmas dos CEF expressam preferência por atividades de natureza artística e uma menor preferência por atividades de natureza convencional. A par disso, a análise de variância de resultados revelou diferenças estatisticamente significativas na escala *realista*, indicando que os alunos das turmas dos CEF manifestam uma maior preferência por atividades de natureza realista, em comparação com os alunos das turmas de ensino regular. Este resultado, poderá dever-se ao facto de os alunos dos CEF, ao estarem integrados em cursos especializados e qualificados, em áreas como a eletricidade, ação educativa e a informática, os seus planos de estudos incluírem disciplinas mais práticas, onde o apelo à coordenação motora, à força física e, de modo particular, a manipulação de equipamentos e ferramentas são uma rotina.

Em relação à comparação dos resultados nos interesses vocacionais em função do género, verificou-se que os alunos do sexo feminino preferem atividades de natureza social e expressam uma menor preferência por atividades de natureza realista. Este resultado vai de encontro ao preconizado por Hansen (2005) quando refere que as mulheres expressam

mais interesses artísticos e sociais, sendo confirmado no presente estudo na medida em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na escala *artístico* e na escala *social*, indicando que os alunos do sexo feminino preferem atividades de cariz musical, artístico, literário ou dramático com recurso à criatividade e à interpretação (interesses artísticos) e tarefas relacionadas com o desenvolvimento dos outros e de assistência ao outro (interesses sociais) em comparação com os alunos do sexo masculino. Em relação ao sexo masculino, verificou-se que os alunos do sexo masculino preferem atividades de natureza investigador e uma menor preferência por atividades de natureza convencional. No entanto, no presente estudo, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na escala *realista*, indicando que os alunos do sexo masculino, em comparação com os do sexo feminino, apresentam gostar mais de atividades objetivas, práticas, ordenadas, de natureza física ou mecânica (interesses realistas) em comparação com os alunos do sexo feminino. Estes resultados vão de encontro ao referido por Hansen (2005) quando refere que os homens tendem a expressar mais interesses realistas e intelectuais do que as mulheres.

Relativamente à comparação dos resultados nos interesses vocacionais em função do nível socioeconómico familiar, verificou-se que os alunos de NSE médio e baixo preferem atividades mais de cariz social, no entanto no NSE médio, os alunos manifestam menos interesse por atividades de cariz realista e no NSE baixo por atividades de natureza convencional. No entanto, as diferenças observadas não apresentam significado estatístico digno de relevo.

Em relação à comparação dos resultados nas aspirações vocacionais na dimensão importância para si em função do tipo de ensino, verificou-se que ambos os alunos das turmas de ensino regular e das turmas dos CEF consideram ser mais importante para si atingir objetivos relacionados com a saúde e menos importante atingir objetivos relacionados com a fama. Este resultado revela que independentemente do tipo de ensino os alunos, na sua generalidade, desejam atingir objetivos intrínsecos e internos, talvez pelo facto de não necessitarem da avaliação dos outros, mas apenas de si próprio para os atingir. Na dimensão probabilidade de alcançar, verificou-se também que os alunos consideram existir uma maior probabilidade em atingir objetivos relacionadas com objetivos intrínsecos, nomeadamente, nos alunos das turmas de ensino regular a probabilidade é maior no crescimento pessoal e, nos alunos das turmas dos CEF, é nos relacionamentos significativos, e uma menor probabilidade, em ambas as amostras de atingir objetivos extrínsecos, a saber, a fama. Este resultado parece revelar, igualmente, que

independentemente do tipo de ensino os alunos consideram ser mais provável e possível alcançar objetivos intrínsecos, talvez por a sua concretização derivar apenas de si próprio e promover-lhe, conseqüentemente, satisfação interna, do que alcançar objetivos extrínsecos.

Em relação à comparação dos resultados nas aspirações vocacionais na dimensão importância para si em função do género, verificou-se que os alunos do sexo feminino e sexo masculino consideram ser mais importante para si atingir objetivos relacionadas com a saúde e menos importante alcançar objetivos relacionados com a fama no sexo feminino, e com a imagem, no sexo masculino. Na dimensão probabilidade de alcançar, verificou-se que os alunos do sexo feminino e sexo masculino consideram existir uma menor probabilidade em alcançar objetivos extrínsecos, nomeadamente, a fama e uma maior probabilidade em atingir objetivos intrínsecos relacionados com os relacionamentos significativos no sexo feminino, e com a saúde no sexo masculino. Este resultado vai de encontro com o que afirmamos anteriormente, de que independentemente do género, os alunos do presente estudo consideram ser mais importante e mais possível de alcançar objetivos intrínsecos do que objetivos extrínsecos. Não obstante, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na escala *comunidade* e uma diferença marginal na escala *fama* na dimensão importância, entre os alunos do sexo feminino e masculino, indicando que os alunos do sexo masculino consideram ser mais importante para si alcançar objetivos de ser famoso, bem-conhecido e admirado em comparação com o sexo feminino que considera como importante para si alcançar objetivos relacionados com a comunidade em comparação com o sexo masculino. Este resultado pode dever-se ao facto de existir uma sensibilidade inerente à mulher em ajudar os outros e a melhorar a sociedade através de ações de generosidade e de caridade em comparação com o sexo masculino, no qual este atribui, por sua vez, uma importância acrescida ao ser famoso, conhecido e admirado pelas pessoas em comparação com o sexo feminino.

Na dimensão probabilidade também foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na escala *riqueza* e *fama*, indicando que os alunos do sexo masculino acreditam ser mais possível atingir objetivos relacionados com a riqueza e com a fama em comparação com o sexo feminino. Estes resultados parecem sugerir que os rapazes da nossa amostra, para além da importância que atribuem ao prestígio, acreditam que a sua concretização é possível.

Relativamente à comparação dos resultados nas aspirações vocacionais na dimensão importância para si em função do nível socioeconómico familiar, verificou-se que nos dois níveis socioeconómicos médio e baixo, os alunos consideram ser mais importante para si

atingir objetivos relacionados com a saúde e menos importante atingir objetivos relacionados com a fama. No entanto, foram encontradas diferenças significativas na escala *riqueza* entre os dois níveis socioeconómico, indicando que os alunos de NSE médio consideram ser mais importante para si atingir objetivos de ser rico e bem-sucedido materialmente, do que no NSE baixo. Estes resultados não confirmam o que os autores Kasser e Ryan (1996) mencionam num estudo realizado, indicando que os jovens com um nível socioeconómico baixo estão mais propensos a desejar a obtenção da riqueza como fazendo parte dos seus valores. Na dimensão probabilidade de alcançar, também se verificou igualmente que em ambos os dois níveis socioeconómicos, os alunos expressam existir uma menor probabilidade em alcançar a fama e ser mais possível, em ambos os dois níveis socioeconómicos, alcançar objetivos intrínsecos, nomeadamente, crescimento pessoal. Este resultado, em relação à dimensão importância e probabilidade, indica mais uma vez que independentemente do nível socioeconómico familiar, os alunos manifestam ser mais importante e ser mais possível de alcançar objetivos intrínsecos do que objetivos extrínsecos.

No que diz respeito ao último objetivo, alcançado, a análise das relações entre os interesses vocacionais e as aspirações vocacionais por cada do tipo de ensino, as correlações, intra e inter variáveis, encontradas vão no sentido esperado e mencionado pela literatura. Entre variáveis de aspirações vocacionais, verificou-se que cada aspiração de uma dimensão se associa positivamente com essa mesma aspiração de outra dimensão, por exemplo, a aspiração fama na dimensão importância associa-se positivamente com a aspiração fama na dimensão probabilidade, tanto no grupo ensino regular, como no grupo CEF. Esta correlação, bem como todas as outras que dizem respeito à mesma aspiração para cada dimensão, foi de encontro ao esperado, tendo-se verificado ao longo do segundo objetivo já mencionado anteriormente. Isto é, esta correlação estatisticamente significativa entre a mesma aspiração para cada dimensão explica-se pelo facto de os alunos independentemente do tipo de ensino, considerarem mais importante atingir objetivos intrínsecos e ser mais possível de os alcançar e menos importante atingir objetivos extrínsecos, bem como ser menos possível de os atingir, referindo na maioria os mesmos objetivos para a dimensão importância e para a dimensão probabilidade. Este resultado poderá estar relacionado com o preconizado por Kasser & Ryan (1996) já mencionado anteriormente.

Entre as variáveis dos interesses vocacionais e das aspirações vocacionais no grupo do ensino regular verificou-se que os interesses empreendedor se associam positivamente com

as aspirações riqueza na dimensão probabilidade e com as aspirações fama na dimensão probabilidade. Esta correlação revela que um aluno com preferência por atividades relacionadas com interesses de cariz organizacional ou económico é provável que considere ser concretizável atingir objetivos de ser rico e bem-sucedido materialmente, bem como ser famoso, bem conhecido e admirado. Por outro lado, verificou-se também que os interesses sociais se associam positivamente com as aspirações comunidade na dimensão importância e probabilidade, bem como com as aspirações relacionamentos na dimensão probabilidade. Esta correlação revela que um aluno com preferência por atividades relacionadas com interesses de cariz social é provável que considere importante para si e ser possível de alcançar objetivos de melhoria do mundo através de ações de generosidade, bem como ser possível de atingir objetivos de estabelecimento de relações satisfatórias com família e amigos. Também se verificou que os interesses de natureza intelectual se associam positivamente com as aspirações riqueza na dimensão probabilidade. Esta correlação revela que um aluno com preferência por atividades relacionadas com interesses intelectuais é provável que considere ser possível de concretizar objetivos de ser rico e bem-sucedido materialmente. Em suma, as correlações apresentadas evidenciam que a associação entre os interesses sociais com as aspirações crescimento pessoal (importância e probabilidade) e relacionamentos (probabilidade), vão no mesmo sentido que os resultados apresentados referentes à comparação dos resultados nos interesses vocacionais e nas aspirações vocacionais em função do tipo de ensino.

Entre as variáveis dos interesses vocacionais e das aspirações vocacionais nos grupos dos cursos de educação e formação, verificou-se correlações significativas no sentido negativo entre os interesses convencionais e as aspirações riqueza e crescimento pessoal na dimensão importância. Também se verificou correlações significativas no sentido negativo entre os interesses artísticos e as aspirações saúde na dimensão probabilidade. Esta última correlação não vai de encontro com os resultados apresentados referentes à comparação dos resultados nos interesses vocacionais e nas aspirações vocacionais em função do tipo de ensino.

Conclusão

Da apresentação e discussão de resultados que efetuámos, salienta-se que os objetivos considerados na presente investigação foram alcançados, nomeadamente, foram descritos e caracterizados os interesses vocacionais e as aspirações vocacionais dos alunos do 3.º ciclo do ensino básico, foram comparados os resultados nos interesses vocacionais e nas aspirações vocacionais em função do tipo de ensino, do género e do nível socioeconómico familiar e, por fim, analisou-se as relações entre os interesses vocacionais e as aspirações vocacionais em função do tipo de ensino.

Chegados ao final e, após termos apresentado os resultados e sua interpretação, é o momento de apresentarmos uma síntese dos mesmos, tendo por referência que no presente estudo procuramos compreender como é que alunos de 9.º ano de escolaridade se distinguem em termos dos seus interesses vocacionais e aspirações vocacionais em função de três domínios, o tipo de ensino (turmas de ensino regular e turmas de CEF), o género e o nível socioeconómico familiar. Uma análise sumária e concisa das conclusões para cada um dos domínios é aqui apresentada.

Os resultados obtidos nas variáveis de interesses vocacionais em função do *tipo de ensino* sugerem diferenças estatisticamente significativa na escala realista indicando que os alunos dos CEF preferem mais atividades de natureza realista em comparação com os alunos do ensino regular. Para além disso, observou-se ainda que os alunos das turmas de ensino regular manifestam uma preferência maior por atividades de natureza social em comparação com os alunos das turmas dos CEF que preferem atividades de natureza artística. Por outro lado, nas variáveis de aspirações vocacionais, em ambas os dois tipos de ensino os alunos consideram ser mais importante para si e ser mais possível de alcançar objetivos intrínsecos e menos importante e ser menos possível de alcançar objetivos extrínsecos. Este resultado, em relação aos interesses vocacionais, sugere que possamos compreender que os alunos das turmas dos CEF pelo facto de estarem num tipo de ensino no qual vigoram unidades curriculares voltados para uma formação mais prática e voltada para o mundo do trabalho e menos técnica que os alunos das turmas de ensino regular, pode permitir-lhes gostar mais de atividades objetivas, práticas que exijam o uso de ferramentas, máquinas, bem como atividades mais artísticas que façam apelo à criatividade e ao espírito livre. Em relação às aspirações vocacionais, o resultado apresentado sugere mencionar que o facto de os objetivos intrínsecos, segundo a teoria da autodeterminação, dependerem apenas de nós próprios não necessitando da avaliação dos outros, pode

contribuir para que os alunos desejem aspirar objetivos de vida relacionados com o sentimento de estar saudável, com o crescimento psicológico e autonomia, bem como com o estabelecimento de relações satisfatória com família e amigos.

Em função do *género*, os resultados obtidos nas variáveis de interesses vocacionais sugerem diferenças estatisticamente significativas na escala, indicando que os alunos do sexo masculino manifestam uma preferência maior por atividades de natureza realista em comparação com o sexo feminino. Para além disso, observou-se que os alunos de sexo masculino preferem atividades de natureza investigador, em comparação com os alunos de sexo feminino. Neste sentido, estes resultados confirmam o preconizado por Hansen (2005), de que os homens expressam mais interesses realistas e investigadores, em comparação com as mulheres. Nas variáveis de aspirações vocacionais, o resultado apresentado anteriormente em função do tipo de ensino verificou-se igualmente em ambos os sexos feminino e masculino.

Em função do *nível socioeconómico* familiar, os resultados obtidos nas variáveis de interesses vocacionais sugerem que os alunos de NSE médio e baixo manifestam uma preferência maior por atividades de natureza social. No entanto, as diferenças observadas não apresentam significado estatístico digno de relevo. Nas variáveis de aspirações vocacionais, os resultados sugerem diferenças significativas na escala *riqueza* entre os dois níveis socioeconómico, indicando que os alunos de NSE médio consideram ser mais importantes para si atingir objetivos de ser rico e bem-sucedido materialmente, do que no NSE baixo. Estes resultados não confirmam o que os autores Kasser e Ryan (1996) mencionam num estudo realizado, indicando que os jovens com um nível socioeconómico baixo estão mais propensos a desejar a obtenção da riqueza como fazendo parte dos seus valores. Para além disso, observou-se ainda que o resultado obtido anteriormente em função do tipo de ensino e do género já apresentados, verificou-se igualmente em ambos os dois níveis socioeconómico familiar.

Em suma, estes resultados apresentados nos interesses vocacionais e nas aspirações vocacionais permite-nos realçar alguns aspetos importantes. Por um lado, em relação aos interesses vocacionais, os cursos de educação e formação parecem contribuir para que os alunos tenham os seus interesses mais delineados face a atividades mais de cariz prático e objetivos em comparação com a via de ensino regular. Em relação às aspirações vocacionais, é de realçar que independentemente do tipo de ensino, género e nível

socioeconómico, os jovens na sua generalidade parecem desejar atingir mais objetivos intrínsecos do que objetivos extrínsecos, o que nos permite sugerir que os adolescentes de 9ºano da amostra preferem atingir objetivos que, de acordo com Kasser & Ryan (1996), dependem apenas de si próprio, promovendo satisfação interna do que atingir objetivos que necessitem da reação dos outros, baseando-se no poder e no valor que pode derivar do alcance dessas metas.

Apesar da pertinência que os resultados revelaram, este estudo apresenta algumas limitações. Uma delas está relacionada com a metodologia utilizada. Para além da amostra do nosso estudo ter sido pequena, não permitindo generalizar para a população em geral, o número de participantes inseridos nos cursos de CEF foi mais reduzido em comparação com o número de participantes inseridos nas turmas de ensino regular. Neste sentido, se existissem mais cursos CEF no local da recolha dos dados talvez pudesse permitir obter resultados estatísticos mais consistentes. Outra limitação ao estudo pode estar relacionada com o facto de os participantes da amostra, no momento da recolha dos dados, poderem ter dado respostas socialmente aceitáveis, não refletindo a veracidade das respostas na sua totalidade. Pensamos, todavia, que com o nosso trabalho foi dado mais um passo para uma melhor compreensão das questões associadas aos interesses vocacionais e aspirações vocacionais em alunos de turmas de ensino regular e turmas de CEF.

Não obstante este contributo, salienta-se que no futuro podem ser levadas a cabo outras investigações de cariz mais específico ou mais geral. Por exemplo, de um ponto de vista mais específico, parece-nos interessante levar a cabo uma análise mais pormenorizada dos interesses nos alunos de turmas CEF, a fim de permitir uma melhor compreensão face às suas preferências em função do curso onde estão integrados. Numa perspetiva mais abrangente seria pertinente avaliar o efeito das aspirações vocacionais na escolha vocacional a seguir.

Estas são, apenas, algumas pistas possíveis para investigações futuras que poderão ter implicações em termos de intervenção vocacional, na medida em que se os jovens inseridos em turmas de CEF tiverem um real conhecimento que os seus interesses estão mais delineados e definidos, por estarem integrados numa estrutura curricular que lhes permite estar mais em contacto com o mundo do trabalho, poderá facilitar a sua tomada de decisão face a escolhas vocacionais ou ocupacionais. No âmbito das aspirações vocacionais, a possível investigação futura já mencionada também poderá ter implicações

em termos de intervenção, nomeadamente, se os alunos de ambos os tipos de ensino tiverem um real conhecimento do que aspiram em termos de objetivos de vida poderá facilitar o auto conhecimento e a encontrar caminhos que poderão satisfazer as suas metas de vida e a sentir-se realizado, futuramente, em termos vocacionais e ocupacionais.

Referências Bibliográficas

- Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (2012). Acedido a 15 de Janeiro de 2012 em <http://www.anq.gov.pt/default.aspx?access=1>
- Atger, F. (2004). Vinculação e adolescência. In N. Guedeney & A. Guedeney (Coord), *Vinculação conceitos e aplicações* (pp.147-156). Lisboa: Climepsi
- Betsworth, D.G. & Fouad, N.A. (1997). Vocational interests: A look at the past 70 years and a glance at the future. *The Career Development Quarterly*, 46, 1, 23-47.
- Blustein, D.L. & Flum, H. (1999). A self-determination perspective of interests and exploration in career development. In M. L. Savickas & A. R. Spokane (Eds.) *Vocational interests: meaning, measurement and counseling use*. (pp.345-368). Palo Alto, CA: Davies – Black.
- Cabral, C. S. (2011). *Perspetiva temporal de futuro e aspirações de vida: estudo das suas relações e do seu impacto na vitalidade, satisfação com a vida e exploração e compromisso com a carreira*. Dissertação de mestrado em psicologia. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Crites, J. O. (1999). Operational definitions of vocational interests. In M. L. Savickas & A. R. Spokane (Eds.) *Vocational interests: meaning, measurement and counseling use*. (pp.163-170). Palo Alto, CA: Davies – Black.
- Deci, E.L. (1992). The relation of interest to the motivation of behavior: a self-determination theory perspective. In Renninger, K. A., Hidi, S., Krapp, A. *The role of interest in learning and development* (pp. 43-70). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Deci, E.L. & Ryan, R.M. (2008). Self-Determination Theory: A Macrotheory of Human Motivation, Development, and Health. *The Canadian Psychological Association*, 49, 3, 182-185.
- Deci, E.L., Vallerand, R.J., Pelletier, L.G. & Ryan, R.M. (1991). Motivation and Education: The Self-Determination Perspective. *Educational Psychologist*, 26, 325-346.

- Decreto de Lei nº49/2005. *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Diário da Republica – 166
Série I – A – 30 de Agosto de 2005.
- Decreto de lei, nº175/2004. Regulamento *dos Cursos de Educação e Formação*. Diário da
República – II Série – 27 de Julho de 2004.
- Ferreira, J. A. (1991). As teorias interaccionistas e o desenvolvimento do estudante do
ensino superior. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 25, 91-105.
- Ferreira, J. A. & Hood, A. B. (1995). The Development and Validation of a Holland-Type
Portuguese Vocational Interest Inventory. *Journal of Vocational Behavior*, 46, 119-
130.
- Guichard, J. (2002). Problemáticas e Finalidades da Orientação (1). *Revista Europeia*, 26,
5-20.
- Gottfredson, G. D. (2002). Interests, Aspirations, Self-Estimates, and the Self-Directed
Search. *Journal of career assessment*, 10 (2), 200–208.
- Gottfredson, L.S. (1981).Circumscription and Compromise: A Developmental Theory of
Occupational Aspirations. *Journal of Counseling Psychology*, 28 (6), 545-579.
- Gottfredson, L.S. (1996). Gottfredson 's theory of circumscription and compromise. In
D.Brown & L.Brooks. *Career choice and development*. (3rd ed, pp.179-232). San
Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Gottfredson, L. S. (1999). The nature and nurture of vocational interests. In M. L. Savickas &
A. R. Spokane (Eds.) *Vocational interests: meaning, measurement and counseling
use*.(pp.57-85). Palo Alto, CA: Davies – Black.
- Gottfredson, L. S. & Richards, J.M. (1999). The Meaning and Measurement of Environments
in Holland's Theory. *Journal of Vocational Behavior*, 55, 57-73.
- Gottfredson, L. S. (2005). Using Gottfredson's theory of circumscription and compromise
in career guidance and counseling. In S. D. Brown, & R. W. Lent (Eds.), *Career
development and counseling: Putting theory and research to work* (pp. 71–100).
New York: Wiley.

- Gottfredson, L.S. & Becker, H.J. (1981). A Challenge to Vocational Psychology: How Important are Aspirations in Determining Male Career Development?. *Journal of Vocational Behavior*, 18, 121-137.
- Gutman, L.M. & Schoon, I. (2012). Correlates and consequences of uncertainty in career aspirations: Gender differences among adolescents in England. *Journal of Vocational Behavior*, 80, 608-618.
- Hansen, J.C. (2005). Assessment of interests. In S. D. Brown, & R. W. Lent (Eds.), *Career development and counseling: Putting theory and research to work* (pp. 281–304). New York: Wiley.
- Hartung, P.J.(1999). Interest assessment using card sorts. In M. L. Savickas & A. R. Spokane (Eds.) *Vocational interests: meaning, measurement and counseling use*. (pp.235-252). Palo Alto, CA: Davies – Black.
- Hirschi, A. (2010). Individual predictors of adolescents' vocational interest stabilities. *International Journal for education and vocational guidance*, 6-19
- Hogan, R. & Blake, R. (1999). John Holland's vocational typology and personality theory. *Journal of Vocational Behavior*, 55, 41-56.
- Hood, A. B., & Ferreira, J. A. (1993). A teoria da escolha vocacional de John L. Holland. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXVII, 3, 457-470
- Johnson, M., & Mortimer, J. (2002). Career choice and development from a sociological perspective. In D. Brown & Associate (Eds.), *Career choice and development* (4th ed., pp. 37–81). San Francisco, CA: Jossey-Bass
- Kasser, T. & Ryan, R.M. (1996).Further examining the American dream: Differential correlates of intrinsic and extrinsic goals. *Society for Personality and Social Psychology, Inc*, 22(3), 280-287.
- Krapp, A., Hidi, S., & Renninger, K. A. (1992). Interest, Learning and Development. In Renninger, K. A., Hidi, S., Krapp, A. *The role of interest in learning and development* (pp. 3-25). London: Lawrence Erlbaum Associates.

- Lazarus, K. U., L & Ihuoma, C. (2011). The Role Of Guidance Counsellors In The Career Development Of Adolescents And Young Adults With Special Needs. *British Journal of Arts and Social Sciences*, 2 (1), 51- 62.
- Leitão, L.M. (2004). Avaliação Psicológica em Orientação Escolar e Profissional. Coimbra: Quarteto.
- Leitão, L. M., & Miguel, J. P (2004). Avaliação dos Interesses. In L.M. Leitão (Ed.), *Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional* (pp.179-262). Coimbra: Quarteto.
- Low, K.S., Yoon, M., Roberts, B.W. & Rounds, J. (2005). The stability of vocational interests from early adolescence to middle adulthood: a quantitative review of longitudinal studies. *American Psychological Association*, 131(5), 713-737.
- MacKay, D.A. & Tokar, D.M. (2012). The hexaco and five-factor models of personality in relation to riasec vocational interests. *Journal of Vocational behavior*, 81, 138-149.
- McDaniel, M.A. & Snell, A.F. (1999). Holland's Theory and Occupational Information. *Journal of Vocational Behavior*, 55, 74-85.
- Muchinsky, P. M. (1999). Applications of Holland's Theory in Industrial and Organizational Settings. *Journal of Vocational Behavior*, 55, 127-135.
- Ng, T. W. H., Sorensen, K. L., Eby, L. T., & Feldman, D. C. (2007). Determinants of job mobility: A theoretical integration and extension. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 80, 363–386.
- Niemiec, C.P., Ryan, R.M. & Deci, E.L. (2009). The path taken: Consequences of attaining intrinsic and extrinsic aspirations in post-college life. *Journal of Research in Personality*, 43, 291-306.
- Patton, W., & McMahon, M. (2006). Career Development and Systems Theory: Connecting theory to practice. Rotterdam: Sense Publishers (pp. 49 –75).
- Ryan, R.M. & Deci, L.E. (2000). Intrinsic and Extrinsic Motivations: Classic Definitions and New Directions. *Contemporary Educational Psychology*, 25, 54-67.

- Rayman, J. & Atanasoff, J. (1999). Holland's Theory and Career Intervention: The Power of the Hexagon. *Journal of Vocational Behavior*, 55, 114-126.
- Rodermund, S., & Vondracek, F. (1999). Breadth of Interests, Exploration, and Identity Development in Adolescence. *Journal of Vocational Behavior*, 55, 114-126.
- Rojewski, J. W. (2005). Occupational aspirations: Constructs, meanings, and application. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.), *Career development and counseling: putting theory and research to work* (pp. 131-154). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons.
- Savickas, M. L. (2002). Career construction: A developmental theory of vocational behavior. In D. Brown & Associates (Eds.), *Career choice and development* (4th ed., pp. 149-205). San Francisco: Jossey-Bass.
- Savickas, M. L., & Spokane, A. R. (1999). Using vocational interests in career intervention. In M. L. Savickas & A. R. Spokane (Eds.) *Vocational interests: meaning, measurement and counseling use.* (pp.253-256). Palo Alto, CA: Davies – Black.
- Savickas, M.L. (1999). The Psychology of Interests. In M. L. Savickas & A. R. Spokane (Eds.) *Vocational interests: meaning, measurement and counseling use.* (pp.19-56). Palo Alto, CA: Davies – Black.
- Schoon, I., Martin, P. & Ross, A. (2007). Career transitions in times of social change. His and her story. *Journal of Vocational Behavior*, 70, 78-96.
- Sodano, S. M. (2011). Integrating vocational interests, competencies, and interpersonal dispositions in middle school children. *Journal of Vocational behavior*, 79, 110, 120.
- Spokane, A. R. (1991). *Career Intervention*. New Jersey: Prentice Hall
- Spokane, A. R., Luchetta, E.J. & Richwine, M.H. (2002). Holland's Theory of Personalities in Work Environments. In D. Brown & Associates (Eds.), *Career choice and development* (4th ed., pp. 373-426). San Francisco: Jossey-Bass
- Super, D. W., & Crites, J. O. (1949). Testing and Appraisal in Vocational Guidance. In D. W. Super & J. O. Crites. *Appraising vocational fitness by means of psychological tests* (pp.1-16) New York: Harper & Row.

- Super, D. W. (1980). A life-span, life-space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 16, 282–298.
- Self Determination Theory (2012). Acedido a 24 de Dezembro de 2011 em <http://www.selfdeterminationtheory.org/questionnaires>
- Sprinthall, N. A., & Sprinthall, R. C. (1990). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGRAW-HILL
- Taveira, M.C. (2005). Comportamento e desenvolvimento vocacional na adolescência. In Taveira, M.C, *Psicologia Escolar: Uma Proposta Científico- Pedagógica* (pp.143-177). Coimbra: Quarteto.
- Taveira, M.C. & Silva, J. T. (2008). *Psicologia Vocacional: Perspetivas para a Intervenção*. Coimbra: Universidade de Coimbra
- Vondracek, F. W., & Skorikov, V. B. (1997). Leisure, school, and work activity preferences and their role in vocational identity development. *Career Development Quarterly*, 45, 322–340.
- Watson, C.M., Quatman, T. & Edler, E. (2002). Career aspirations of adolescent girls: effects of achievement level, grade, and single-sex school environment. *Sex Roles*, 46, 323-335.
- Wille, B., Fruyt, F.D. & Feys, M. (2010). Vocational interests and big five traits as predictors of job instability. *Journal of Vocational Behavior*, 76, 547-558.
- Yang, L.Q., Levine, E.L., Smith, M.A., Ispas, D. & Rossi, M.E.(2008). Person-environment fit or person plus environment: A meta-analysis of studies using polynomial regression analysis. *Human Resource Management Review*, 18, 311-321

Anexos

Anexo 1- Inventário de Interesses Vocacionais

Anexo 2 – Escala Índice de Aspirações